

GALITO

REVISTA
COMEMORATIVA
DO 80.º ANIVERSÁRIO
DO CLUBE
DOS GALITOS

biblioteca

AVEIRO 25/JANEIRO/84

06
373

GALITO

1904-1984

SO DUAS PALAVRAS.

David Costa



BIBLIOTECA
municipal de aveiro
PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS

OFERTA



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

FUNDO
LOCAL

INTERDITO
AO
EMPRÉSTIMO

bibRIA

REVISTA COMEMORATIVA DO 80.º ANIVERSÁRIO DO CLUBE
DOS GALITOS

Presidente da Assembleia Geral

bibRIA



CANTA, GALO! — Um galo sempre actual
José Joaquim Mendonça



SÓ DUAS PALAVRAS:

David Cristo

UM sugestivo cartaz turístico figura a zona aveirense com um barco moliceiro vogando sobre a Ria, dentro do qual se vê, além do mais, uma bicicleta. Alguém, olhando esta magnífica e expressiva composição, disse que ela evocava Aveiro, o CLUBE DOS GALITOS. E explicou que esta prestigiada colectividade nasceu de divergências surgidas, há oito décadas, em assembleia, realizada na famosa e prestante associação local SOCIEDADE RECREIO ARTÍSTICO, entre os mais velhos e os mais jovens, sendo que cada um destes grupos defendia o seu ciclista predilecto; e, então, surgiu da boca de um dos mais idosos, esta crítica aos moços: «Onde há galos de fama, que vêm galitos cá fazer?». Seria este apodo — *galitos* — que viria a conferir nome ao Clube que conta oitenta anos de gloriosa vivência.

Quem, olhando para o referido cartaz, fez a predita evocação, acrescentou que o moliceiro sulcava as nossas águas tranquilas e livres, perfeita imagem da «liberal tranquilidade da região alavariense». Correctíssima comparação: os aveirenses foram, desde sempre, libérrimos nas suas opções, nelas muito seguros, determinados (mas tolerantes), como a História o demonstra, lutando pelas justas liberdades humanas contra todas as formas de tirania; e por isso foi que o CLUBE DOS GALITOS, simbolizando Aveiro, ergueu um monumento, em frente da sua actual sede, «À memória dos Aveirenses que sofreram pela Liberdade», — iniciativa que rigorosamente foi concretizada no dia do 1.º Centenário do Nascimento de José Estêvão (26-XII-1909). E tal aconteceu porque, como lema do GALITOS, «ninguém faz mordaça para a consciência humana».

Cresceu o CLUBE DOS GALITOS como límpido espelho das potencialidades aveirenses — no Desporto, na Cultura, na Compreensão, na Fraternidade; e, a demonstrá-lo, aí estão as suas multifacetadas actividades e os seus múltiplos êxitos que, ultrapassando fronteiras locais e até nacionais, levaram o seu prestígio ao estrangeiro.

Pois que a sua gloriosa bandeira suba cada vez mais alto no já tão elevado mastro das suas glórias — para que sempre possa dizer-se: CANTA, GALO!

Presidente da Assembleia Geral



Ao abrir as páginas deste librete-revista, que pretende, por um lado, recordar o primeiro órgão oficioso do CLUBE DOS GALITOS, aparecido em 15 de Outubro de 1905, «O GALITO», e, ao mesmo tempo, pretende assinalar a efeméride do 80.º ANIVERSÁRIO DO CLUBE, nada melhor que evocar aquela manhã radiosa de 25 de Janeiro de 1904, quando um punhado de aveirenses, reagindo às palavrosas insinuações de uns tantos auto-suficientes, convencidos da sua exclusiva capacidade e julgados senhores do pensamento, conseguiu, com o maior entusiasmo e lisura, corporizar uma associação, que, pelo tempo fora, se havia de desdobrar em marcantes manifestações de índole cívica, cultural, recreativa e desportiva.

CANTA, CANTA... GALO! foi como que o «grito do Ypiranga», soltado nas margens do alvéolo da Ria de Aveiro, ali no Canal Central da Cidade, em cuja margem Sul se viria a instalar a primeira sede do nascente CLUBE DOS GALITOS DE AVEIRO...

Depois... foi a implantação e a consagração!

Entretanto, 80 ANOS passaram...

E a História do Clube foi-se escrevendo, ao longo de todo este tempo, em páginas fulgentes por diversos campos de actividades, ressaltando, na esfera desportiva, em 1948, a conquista do Diploma Olímpico no REMO, e em 1952, a conquista da Medalha Olímpica na mesma modalidade... Mas também, no campo cultural e recreativo, com Saraus de Arte, Concertos, Conferências, Colóquios, Recitais de Poesia, Exposições de Pintura, Escultura, Filatelia e Fotografia e Cinema, Concurso de Trajes Regionais, Espectáculos de Teatro, coreográficos e musicais, Representações do Grupo Cénico, com Zarzuelas, Operetas, Comédia e Revistas (A Caldeirada, Ao Cantar do Galo, Molho de Escabeche, Ainda Canta o Galo, Escabeche e Piripiri...)

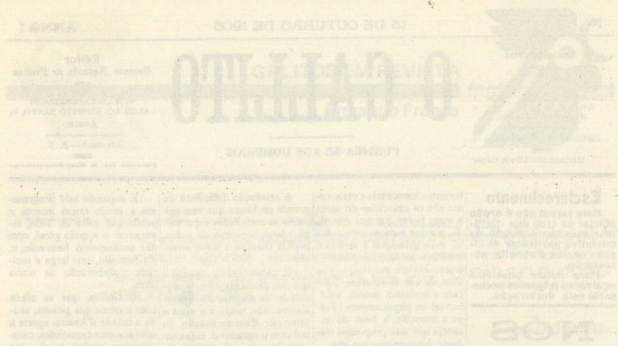
Quantos trabalhos! Quantas lutas!...

Quantas dificuldades! Quantas Alegrias! Quantas Esperanças!...

Gerações de homens renovados, renovando-se!...

E tudo foi transformando o CLUBE DOS GALITOS num valor real, Orgulho e Honra da Cidade de Aveiro, «sinónimo de iniciativa e movimento em tudo o que é brio desta Terra»...

Que, com a celebração do 80.º Aniversário da Fundação do CLUBE DOS GALITOS, resulte uma renovada congregação dos Galitos Aveirenses, exactamente daqueles «que não permitam mordanças», para que possam «CANTAR MAIS ALTO PARA SE FAZER OUVIR CADA VEZ MAIS LONGE»...



Comissão Instaladora do Clube dos Galitos 25-1-1904



Sentados: Paulo G. Moreira, António M. Ferreira, Manuel G. Moreira, Manuel Lopes S. Guimarães, Eugénio Ferreira Costa. De pé: Manuel F. Lopes, Francisco M. Freire, Francisco F. Encarnação, Alfredo Gaspar Oliveira, Augusto Carvalho Reis, João Cruz Bento, António Augusto Sousa, José de Pinho, João M. Naia Graça, Domingos M. Vilaça, Pompeu Costa Pereira.

Assinaturas

Anno Noz Reis
Trimestre 250
Avulso 20
(Pagamento adiantado)

DIRECTOR—F. Encarnação

Redactor—Alfredo Gaspar

O GALLITO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Editor
Ernesto Antonio de Freitas

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LARGO DO ESPÍRITO SANTO, 64
Aveiro

Administrador—F. F.

Aveiro—Off. Typ. do «Campêlo»-provariano

Esclarecimento

Este jornal não é órgão oficial do club dos «Gallitos», mas tão somente da iniciativa particular de alguns socios d'aquella associação.

Para evitar possíveis equívocos julgamos necessario esta declaração.

NÓS

São curtas e desprezíveis as nossas palavras de apresentação.

Não temos loucas aspirações à consagração litteraria, nem pretensões ridiculas à admirabilidade de dos nossos escriptos e à celebração da nossa modesta entidade.

Lançando a publico este periodico, não temos em vista a glorificação ou interesse pessoal. Os nossos artigos, sem precipitações irrisórias de termos bombásticos, imagens vistosas, divagações floridas que muitas vezes apaixonam as multidões e formam aureolas vaporosas de chimerico merecimento à roda de tantos que, levianos e vaidosos, com ellas se deslumbram e assim se perdem; se não brilham na forma, se não brotam do nadir do saber, se não dimanam de intellectualidades superiores, nascem contudo da boavontade que nos anima, do utilitarismo razoavel que é a nossa norma, do amor ao proximo e ao nosso berço, ao Bem e ao Bello.

Nasceu, sim, do desejo que temos de engrandecer e ver elevar a nossa terra, de prestarmos algum serviço ao nosso povo, de auxiliarmos os fracos e desprotegidos da sorte, de defendermos as victimas innocentes e causas justas, de encorajarmos os nossos irmãos na luta da existencia, de tornarmos a todos esse fardio menos denso, concorrendo para a prosperidade e contentamento geral, espalhando com a alegria a resignação, impulsionando ou cuadjuvando distrações, diver-

timentos innocentes e uteis, como são os exercicios do sport e essas festas que nos não dão já, porque tornam menos duras, mais agradável e sereno o viver, porque nos dissipam tristezas, aliviam maguas, e que, alem de nos recrearem, educam e levantam moral, intellectual ou physicamente. Fulge a intenção, o bem da essencia que nos propomos traduzir. Julguem-nos por ella.

E' pelo nosso engrandecimento colectivo que demos ser a este jornal.

Queremos a prosperidade da nossa querida Aveiro, e consequentemente a de todas as empresas e agremiações que para ella concorram, e ao seu progresso se votem.

D'entre estas sobressahe e impõe-se a nossa especialisação, o sympathico Club dos Gallitos, que tem tido e recorre das iniciativas locais, que tanto se tem empenhado pelo engrandecimento da nossa cidade e que parece ter dado a sua população uma vida toda nova.

O Club dos Gallitos, de que fazemos parte, ter-nos-ha sempre a seu lado; nascemos de identicos sentimentos, collaboramos no mesmo pensamento, identificam-se perdendo a individualidade, os nossos ideais; unamo-nos, pois, n'um amplexo de eterna alliança. Por Aveiro! eis um nosso lematico principio.

Nascendo no trabalho, vivendo no seu meio, não podemos deixar de consagrar ás classes venerabilissimas que o exercem, a nossa actividade. O proletariado em convulsões de desespero na miseria, o povo laborioso numa situação social que não merece, o trabalho opprimido, os fracos em luta contra os fortes, os grandes amesquinhando os pequenos, a razão, a moralidade, a justiça calçadas n'uma imprudencia que revolta; estas anomalias sociais que a nossa reputação e levam a erguer a debil voz num grito de protesto, terão também a nossa consideação.

A resolução difficilima do grande problema que vem agitando as sociedades e que exige o bom concurso de todos, prende também a nossa attenção.

E, como o meio especial a que nos destinamos é o da mocidade, da alegria, do enthusiasmo, nós, tendo em vista o principio d'harmonisação do util com o agradável, cuja consecução seria a da felicidade, entraremos pelo campo dos divertimentos, dar-nos-hemos com especial cuidado ao desenvolvimento do sport, procuraremos alegrar, dando alma a festas, distrações e a tudo quanto contribua para a prosperidade local.

Politica partidaria, este jornal não segue nenhuma, é essencialmente independente. Fora d'essa esphera, de toda a influencia do facciosismo politico, sendo outro o nosso objecto, e por todos e para todos. Deixamos a politica indigena a cargo dos estimados collegas já existentes.

Jornaes politicos, ja Aveiro tem muitos e tem-os de todos os partidos.

O Gallito apparece hoje confiado no pensamento em que se ergue; é a esperança que lhe dá alento, esperança de que será comprehendido e aceite, de que Aveiro lhe saberá afagar a infancia e estender a existencia.

Vamos viver. São fracas, é verdade, as nossas forças.

O jornal que hoje fundamos, não é destinado a instrumento particular, nem a satisfazer caprichos pessoas, nem a elevar nomes, nem a notabilisar as humides pessoas dos seus fundadores, mas sim a honrar e elevar uma associação local, a ser um órgão popular, consagrado á utilidade geral; as suas columnas estão abertas a todas as causas justas, a todos os homens dignos, a todas as iniciativas sentas, a toda a iniciativa louvavel, a todo o assumpto de interesse local e publico; e assim ha de haver muito quem nos auxilie.

E seguindo este programma, e sendo nosso intento a produção unica do «bem», esperamos o apoio geral, com um acolhimento benevolo, e, d'este modo, uma larga e multiplica collaboração na nossa obra.

O Gallito, que se ufana com o nome que possui, saud a cidade d'Aveiro, aperta a mão aos seus camaradas, cumprimenta a todos, e sob a luz da sua protecção, assim pequeno, assim modesto, lança-se a correr mundo.

Vamos marchar—progresso! Marchemos, pois, porque também o mundo marcha, e nós queremos seguir com elle.

A Redacção

Orgão ou piano?

Eis-me a saudar o primeiro n.º do Gallito com o sineiro enthusiasmo, de quem, como eu, tanto deseja o bem da aggrégation a que me honro de pertencer.

O Gallito vê hoje a luz da publicidade, devido aos esforços d'algumas entidades em que o seu nome é incluído, e o seu programma é muito principalmente pugnar pelos interesses da sociedade de que sou director e socio fundador.

Em defesa também da minha terra, que tanto amo e estremeço, collocarei sempre as minhas forças e a minha suprema vontade, procurando alliar-me sempre aos que desejam o seu engrandecimento e a sua prosperidade.

Desta forma, cumpre-me enuncipmentar o Club dos Gallitos e a cidade d'Aveiro.

F. DE ENCARNACÃO

Expediente

A todos os cavalhetos a quem tomamos a liberdade de enviar o primeiro numero d'O GALLITO, pedimos a fineza da devolução no caso de não nos quererem honrar com a sua assignatura.



«O jornal que hoje fundamos não é destinado a instrumento particular, nem a satisfazer caprichos pessoais, nem a elevar nomes, nem a notabilizar as humildes pessoas dos seus fundadores, mas sim a HONRAR E ELEVAR UMA ASSOCIAÇÃO LOCAL...»

in «O GALITO»

A 15 de Outubro de 1905, ainda o Clube dos Galitos não tinha dois anos de vida, aparecia em Aveiro o jornal «O Gallito», «órgão oficioso do Clube», no dizer desse notável aveirense e galito, João Sarabando.

A citação que introduz estas palavras foi extraída do número primeiro daquele jornal e a propósito do Galito, revista. O que lá se diz e o objectivo que se propõe é, também, o desta «GALITO». Assim e em homenagem àquele jornal e aos seus fundadores, 79 anos depois, esperamos com esta revista, comemorativa é certo, ligar mais intimamente o Clube entre si, os seus associados à vida dele, as secções desportivas e culturais entre elas e, bem assim, estreitar as relações entre a cidade de Aveiro e o Clube dos Galitos. Julgamos que se vai mostrar à cidade e aos que nela vivem e trabalham o Clube por dentro, o que faz neste momento, as suas potencialidades e possibilidades de intervenção nos campos sociais e culturais em sentido lato.

Hoje, como em Janeiro de 1904, Galitos é acossado pela descrença e mal dizer daqueles que de fora do Clube e de longe para ele olham sobranceiros. Porém, o Clube dos Galitos cá está, com vida, saudável e pronto, como sempre, a participar e a intervir na vida associativa, cívica, desportiva e cultural da cidade de Aveiro.

Esta publicação e o que nela se diz, revelam, certamente, que este Clube, honorável nos seus 80 anos, tem a juventude e força necessárias para, como desde 1904, desempenhar um muito útil e inestimável serviço à cidade e aos Aveirenses, apesar das dificuldades existentes e escolhos que lhe são levantados. Talvez, nesta hora em que se anuncia a condenação e saturação da televisão, dos poderosos e imensos mass-media e das grandes manifestações e cultura de massas, ao Clube dos Galitos esteja reservado papel mais importante ainda: é um Clube de centro de cidade, de cultura propriamente dita e desporto e com uma sede que é um óptimo e excelente local de recreio, reunião e convívio entre pessoas.

O futuro o dirá!



Foi no então conturbado reinado de D. Carlos I, que o galo — garboso e refilão, de crista encrespada, e batendo as asas ruidosamente — cantou bem alto, pela primeira vez, no seu poleiro.

Talvez que a agitação política na altura, contaminasse garnizés e galos de esporão, na capoeira do Recreio! Daí, a exaltação dos ânimos, que levou à ruptura, e conseqüente nascimento do Galitos.

Seja como for, da discórdia intestina no seio daquela prestimosa colectividade, brotou com o calor do entusiasmo, no friorento Janeiro de 1904, o nôvel Clube, que bem cedo alcançou notoriedade no meio aveirense, para depois se projectar a nível nacional, e até além-fronteiras.

O dinamismo da sua juventude, aliado mais tarde a experiente maturidade de dirigentes e associados, desenvolvendo profícua actividade nos sectores da benemerência, recreativo, desportivo e cultural, alcançaram-no depressa a posição cimeira, adentro do panorama agremiativo do país.

Nado num berço de liberdade, vestiu as suas cores, emoldurando o estandarte com a significativa legenda: — «Nunca se faz a mordça para a consciência humana». Assim, de tal maneira se identificou com a cidade, que erigiu o monumento fronteiro à sua Sede, em homenagem póstuma aos aveirenses supliciados na Praça Nova, no Porto.

A colaboração estreita com a edilidade em numerosos eventos, como as realizações de vulto levadas a efeito por iniciativa própria, em muito contribuíram para apelidar o Clube dos Galitos, desde então e até há uns anos, — não longínquos —, da segunda sala de visitas de Aveiro.

De facto, ali tiveram lugar luzidas recepções a embaixadas ilustres; expuseram artistas de renome nas artes plásticas; passaram figuras proeminentes da vida intelectual portuguesa, como o notável camoneano Hernani Cidade, Vitorino Nemésio, Joel Serrão, Gaspar Simões, Óscar Lopes e outros, em memoráveis conferências.

Pena é que, ultimamente, uma certa letargia tenha invadido a octogenária agremiação, considerada de Utilidade Pública, num adormecimento nada consentâneo com o brilhante historial que ostenta, como se o próprio galo — garboso e refilão —, emudecesse.

Que as comemorações desta efeméride, sejam como que um despertar do dinamismo e entusiasmo de anos passados, um rejuvenescer impulsionado pelo nome glorioso do Clube dos Galitos. Mesmo sem estralejar de foguetes, mas em dádiva de amor e de fé clubistas, dêem-se as mãos, em alvorada nova.



Qualquer que seja o ângulo visando uma actividade, individual ou colectiva, o homem, certa é a diversidade de panoramas obtidos.

Importa recuar ou avançar quanto bonde para que a visão seja possível, não a dos sonhadores, tantas e tantas vezes alheios às realidades circundantes, mas a dos que, pelo menos, sentem o comum em que estão integrados e fora do qual não podem criar ou mesmo viver. Os sonhadores, esses, como criadores de linhas de rumo ou medidores de utopias têm, como tal, o grande, o incomparável papel dos poetas. É que estes, mais que os cientistas, garantem ao homem as rotas necessárias aos futuros invisíveis, caboucos das realidades utópicas que sucessivamente vão sendo actuais.

Na vida social o DESPORTO surge, hoje, como fenómeno angular e não pode ser encarado para aquém ou para além dos mundos maiores ou menores em que, a cada momento, deflagra.

Não vejo possível separar em compartimentos estanques, os chamados praticantes e os não praticantes, os amadores e os próprios profissionais. Isto, entenda-se, como fenómeno social a que nem sequer julgo inteiramente alheios quantos, frente aos meios de comunicação social e longe dos estádios ou das ruas, vivem, a seu modo, o desfibrar das lutas que, mesmo sem adversário visível ou directo, não deixam de o ser.

E isso porque o pináculo agreste a vencer pelo alpinista, isolado, na montanha; o tempo para o atleta que corre sózinho ou o vento, as correntes ou as calmarias para o navegador solitário, são outros tantos adversários a vencer com mira numa única classificação que tanto pode ser o Everest, o «record» da hora ou o porto de destino, não raro o mesmo que foi de largada.

É nessa visão de fenómeno social, deflagrador de paixões e rastilho dos mais variados interesses, que eu ousou colocar o DESPORTO e, por isso mesmo, a necessidade de o não divorciar de outros fenómenos que unem e desunem os homens e os fazem sentir, consciente ou inconscientemente, a necessidade de uma subordinação a regras, espontâneas, concertadas ou até impostas que visem fixar um caminho, socialmente válido, para que o fim comum seja atingido por todos os que quiseram, queiram ou venham a querer trilhá-lo, em sociedade.

Os conceitos podem variar mas há sempre, dentro da sua variedade, pontos comuns que, mais ou menos ocultos, importa trazer para a luz do dia e mostrá-los como capazes de, ser respeitados, constituírem um travejamento da convivência entre os homens, mesmo quando ela se verifique na luta de interesses em presença e choque possível.

É assim na vida e, por isso, assim é no DESPORTO.

A vida, em sociedade, não pode compadecer-se com a dádiva, ao mais

forte, do poder de ditar, aos mais fracos, a medida do seu andar, a pista do seu pisar, o ângulo do seu olhar.

Eu bem sei que hoje os ângulos são diferentes. Porém, nem sempre assim foi e, por isso, é com desprezo que identifico como «lei da selva» aquela que dá ao mais forte o poder de ditar ao ou aos mais fracos a conduta a que já aludimos.

Bem sei que a expressão traduz a realidade da vivência das espécies e se de selva foi chamada, a razão não poderá andar longe da inexistência, lá, da regra que o concerto dos homens criou exactamente porque, não sendo os mais fortes, se julgaram, com ou sem razão, como capazes de o vir a ser por mercê daquilo que a si próprios deram e a que vaidosamente continuam a chamar «inteligência» por oposição ao «instinto» que deixaram para os outros, os da selva.

Não vem nada a propósito mas não resisto à tentação de perguntar:

Onde se encaixa BUCHENWALD, HIROSHIMA ou NAGAZAKI?

Mas regressemos às origens, ao título e ao tema deste escrito, tal o receio que sinto de me perder por aí, mesmo sem selva aparente, e não atinar com a senda do meu pensar sobre as relações do CIVISMO com o DESPORTO.

Já vimos o que era a lei como necessidade de fixação de regras de vivência em sociedade. Se nessa fixação surge, em dado aglomerado social, como resultante espontânea das necessidades sentidas pelos homens vivendo em conjunto, essa lei surge-nos com a pureza natural do costume que todos aceitaram, empurrados que foram por longa prática inveterada.

Mesmo para além do conteúdo religioso de muitas práticas — e religioso, aqui, não quer dizer identidade com esta ou com aquela religião — não se me afigura errado apontar como altamente determinante da criação do Costume, a influência que sobre o seu aparecimento exerceu qualquer fé ou até credence contemporânea da regra acabada de nascer ou em vias de consolidação.

O CIVISMO tem um pouco de tudo isso mas volta-se, talvez pelo seu natural ecumenismo, para a generalidade dos que vivem em comum e podem, mercê do pluralismo de suas crenças e fés, pensar e agir de maneira diferenciada.

É o resíduo comum das regras dessa vivência-convivência que fixa o necessário para ela se desenrolar em respeito mútuo, em liberdade limitada pela liberdade dos outros, em colocar permanente do interesse de todos para cima e para além dos interesses de cada um.

A prova desportiva, ou melhor, a prática desportiva — já vimos que DESPORTO pode ser acto isolado e afastado de paixões ambientais — cerca-se, quase sempre e sempre, se encarada do ponto de vista social, daquilo a que, para simplificar, chamaremos «assistência». Esta, formada por cidadãos que especialmente adestrados e integrados em organizações com esse fim e outros idênticos preparada, tem por missão fazer respeitar as regras de convivência social.

Chamem-lhe «cívicos» ou não a esses agentes fiscalizadores que o podem ser repressores face a desvarios de ocasião, o certo é que o CIVISMO a que me refiro, face ao DESPORTO, é, a bem dizer, coisa diferente e mais alta.

Respeitar a Lei é CIVISMO.

Mas, qualquer Lei, enquanto o for.

Respeitar o homem está abrangido, necessariamente, pelo respeito da Lei.

Mas a Lei é necessariamente imposta desde o momento que o passa a ser, embora antes, sem ser imposta, fosse por vezes ou até quase sempre, mais acatada.

Seja, porém, como for, tudo se conjuga ou deve conjugar para que o CIVISMO abranja toda uma série de respeitos: pelas pessoas; pelas coisas de uso ou simples contemplação de cada um; pelos actos e atitudes e — aqui está o cerne destas palavras — pelas maneiras que cada um pode ter de se realizar, praticando ou presenciando, simplesmente, ou mesmo com paixão.

É o atleta que corre no estádio ou na estrada, isolado ou integrado na equipa da sua solidariedade clubista; é o remador que agarrando o punho do remo e como alavanca o manobra para que a pá, ferindo a água, apoie a propulsão do barco; é o jogador de futebol, de andebol, de basquete ou de «rugby» ou outros desportos colectivos de grande impacto emocional; mas também o é a dezena, a centena, ou os milhares que vibram com o desenrolar da pugna desportiva e, por causa da paixão que cega, mais atreitos são ao descontrolo dos raciocínios, causa, quase sempre, do esquecimento do tal CIVISMO.

Poderá dizer-se — di-lo-ão mesmo alguns — que o CIVISMO da Rua e da Praça é coisa diferente do CIVISMO mais ligado ao desenrolar do fenómeno desportivo e, neste campo, ainda diferente do CIVISMO ou conduta social que se prende ao respeito que a moral social vigente pretende ser devido à Pátria, à Família, às Instituições, às Religiões, à Arte ou à Cultura, em geral.

Aí está, julgo, o grande e o grave erro de tal diferenciação.

Julgar a conduta de quem, num campo de desporto, qualquer que ele seja, insulta os intervenientes só porque são adversos da sua cor ou emblema, ou um árbitro que viu, de forma diferente, o facto que motivou a aplicação da norma desportiva ou regra do jogo a um caso concreto, incidente ou acidente do prélio em disputa, não pode ser feito por medida de apreciação cívica diferente da aplicada fora do chamado vulcão desportivo.

E o mesmo pode e deve ser aplicado quando os intervenientes na luta violam as regras que até lá, dentro do terreiro em que debatem superioridades, não perdem a qualidade de normativos reguladores da convivência social.

O DESPORTO é uma manifestação activa de qualidades ou mesmo passiva de apreciação delas. Mas quer num, quer noutro caso, não pode ser caldo de cultura de vícios ou desvios da conduta que o CIVISMO impõe ao homem vivendo em sociedade, seja ou não interessado no fenómeno desportivo.

Não diferenciar os campos para proteger os desmandos das paixões incontroladas é tarefa em que todos podemos e devemos estar empenhados.

O respeito pelo vencido é, tanto como o aplauso ao vencedor, uma atitude necessária, indispensável mesmo, ao CIVISMO de quem sofre a derrota ou explode a vitória, desde que se manifestem acompanhados do respeito devido às brancas e às pretas pedras do xadrez da vida social.

bibRIA



A nova sede inaugurada em 19-11-1970.

1979/75 anos de desporto e cultura

CLUBE DOS GALITOS/AVEIRO

"NUNCA SE FAZ A MODICA
PARA A CONSCIEŒA HUMANA."

Cartaz de Jorge Trindade



75
ANOS

Da Esperança ao Desencanto...

Comemorar as *Bodas de Diamante* de qualquer efeméride é sempre um acto de profundo significado, gerador de reacções de carinho, de reconhecimento e de solidariedade.

E esse significado mais se enriquece e enobrecce quando resulta da comemoração dos 75 anos de uma colectividade como o Clube dos Galitos, pelo notável repositório de acção cultural, desportiva, cívica e recreativa que o seu passado comporta, tantas vezes ilustrado por uma indesmentível identificação com a própria cidade e o concelho.

Foi, pelo menos, com este convencimento que a Direcção então em exercício interpretou o que deveriam ser as comemorações das Bodas de Diamante do nosso Clube e se lançou empenhadamente no estudo da sua programação.

O Clube vivia então — como hoje — uma fase de graves dificuldades, representadas principalmente pela dívida da sede, pela inadiável necessidade de possuir um recinto desportivo e pela carência de embarcações na sua Secção Náutica.

As Bodas de Diamante surgiam, pois, paralelamente à imagem de vitalidade que importava transmitir, como um marco de esperança que permitisse tornar os escolhos que se deparavam à projecção do Clube no futuro.

A programação para que se apontou foi por alguns considerada demasiadamente ambiciosa.

Mas o acolhimento inicialmente encontrado por parte das entidades oficiais incentivaram a sua prossecução.

Mais tarde, as perspectivas que nos tinham sido abertas na Câmara de Aveiro não viriam a confirmar-se, pois que dos subsídios prometidos só se viria a receber a «primeira prestação», e por isso tiveram de ser canceladas várias das iniciativas programadas para o 2.º semestre de 1979.

Apesar disso, e através dum grande esforço humano e de um rateado aproveitamento dos fundos disponíveis, foi possível levar a cabo umas comemorações dos 75 anos do Clube dos Galitos que honraram o Clube e contribuíram fortemente para projectar o seu nome em todos os órgãos de comunicação social.

Durante um ano, com a participação de todas as secções do Clube e a colaboração de muitas entidades que se quiseram associar, promoveram-se 31 acções comemorativas, das quais, não considerando as que abriram e encerraram comemorações, 11 foram de índole cultural, 9 desportivas, 6 cívicas e 1 recreativa.

De entre elas deverá realçar-se o concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto/RDP, a exibição da montagem audio-visual «Bateau Lavoir», o Acampamento Nacional no Parque da Barra, a retrospectiva da obra do pintor Manuel Tavares, o encontro de basquetebol entre a selecção nacional e uma equipa de americanos, o I Concurso Internacional de Pesca Desportiva do Mar, a estafeta Aveiro-Aveiro em atletismo, a X Exposição Aveiro-Arte, etc.

Ainda para assinalar a efeméride, foram editados um cartaz, um auto-colante e um galhardete, emitiu-se uma medalha e fez-se o lançamento de um prato comemorativo, de uma estatueta do Acampamento e de uma peça artística, de louça, para o Alavário Fotográfico.

Quando em 25 de Janeiro de 1980 se realizou o jantar de encerramento, a consciência do dever cumprido e do esforço empregado acalentava ainda a esperança de que as entidades oficiais presentes na cerimónia viessem a assumir os compromissos que ajudassem o Clube dos Galitos a ultrapassar as suas prementes dificuldades, aliás colocadas na ocasião pelo Presidente da Assembleia Geral do Clube.

Foi com compreensivo regozijo que ouvimos o Sr. Presidente da Câmara de Aveiro, na sua intervenção, comprometer-se a conseguir o terreno para o Pavilhão do Clube e a empenhar-se na sua construção e, mais tarde, o Sr. Secretário de Estado dos Desportos prometer um avultado subsídio para renovação da frota.

Mas das promessas à realidade vai por vezes um sinuoso caminho infelizmente, e o Sr. Secretário de Estado cumpriu a sua, o mesmo não se poderia dizer posteriormente do Sr. Presidente da Câmara.

O não cumprimento dessa promessa acabou por destruir o auspicioso horizonte que parecia ter-se aberto, como corolário do passado de glória do Clube dos galitos e da afirmação do seu presente.

Por isso se gerou um magoado sentimento de frustração em quem, com tanto esforço, se havia empenhado nas Comemorações das Bodas de Diamante do nosso Clube.

Daí o desencanto e o desengano.

Talvez que os 80 anos do Clube possam voltar a ser ponto de partida. final, a esperança não deve morrer...

Carlos Jerónimo

EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, SARL

Estrada da Barra, 9 — 3800 AVEIRO

Telegr. «SALGUEIROS» — Telef. 23111/2/3/4 — Telex 37466 EPESCA

CONSERVAS DE PEIXE

Sardinha, Atum, Cavala, Bacalhau,
Polvo, Lulas, etc.

PRÉ-COZINHADOS

Lombinhos de Pescada, Burgers de Pescada,
Croquetes de Pescada e Bolos de Pescada

PEIXE CONGELADO

Oficinas de Reparação naval
Secagem e Conservação de Bacalhau
Armazéns Frigoríficos

CULTURA

**AVEIRO/ARTE
FILATELIA E NUMISMÁTICA
FOTOGRAFIA E CINEMA DE AMADORES**

bibRIA

A PROPÓSITO DE AVEIRO/ARTE

A História não se faz com uma ou duas décadas. Necessita de um longo período de decantação, de maneira a que possam emergir do lado temporal inquinado, logo à partida, pelo peso censório da mediocridade, pelos arremedos sinistros e tantos quanto prezam apenas a vida vegetativa, quaisquer valores dignos de registo. Daí, a minha preferência exclusiva pelo avivar aqui apenas alguns acidentes de percurso desta controversa Secção de Artes Plásticas do Clube dos Galitos: Aveiro/Arte.

Afinal e como tudo, nasceu de simples aspiração sentida à flor dos nervos, isto é, marinhando pelos doze mil milhões de neurónios de cada artista, mas ainda não concretizada em vias reais. Passava, inquieta, a sua virtualidade pelas poucas (muito poucas, mesmo) manifestações artísticas que a cidade oferecia ou que assimilava fortuita, mas sofregamente, noutras cidades e até noutras latitudes. Fácil, por isso, a aglutinação espontânea de todo este plasma diferenciado na sua maneira, mas identificado com o objectivo comum.

A Arte — apenas a Arte — juntou estes aveirenses de nascimento ou que por aqui ficaram retidos, quiçá pela luz branca da cidade, pelo vinho generoso e profundamente humano das suas gentes.



JORGE NASCIMENTO ESTEREOTIPO
DE GRETA GARBO Pintura

Sem nada dever aos «cavaleiros da Távola Redonda» da crítica artística do nosso país, crítica refacilando alarvemente adentro do seu círculo canhestro, mas reforçado pelas células anquilozadas por anos e anos de uma prática que volveu já hábito caseiro monopolizado, temos percorrido a nossa estrada sem pretensões, mas com o desejo ardente e sempre vivo de uma aprendizagem actualizante. Nunca, que me lembre, esta dinâmica sobressaiu, como auxílio de qualquer organismo ou entidade de carácter oficial. Temos a impressão de que, quanto a Cultura, continuamos no ponto zero, como há dias me afirmava o professor Júlio Resende.

A Arte continua a não extravasar das paredes dos museus, dos átrios das escolas. E que é Arte, afinal? Definição que se tem escapado, aberta ou subrepticiamente, aos raciocínios mais elevados das mais elevadas figuras da História e da Filosofia, mas que talvez dos «Cavaleiros» do círculo nacional de crítica me explicasse servindo-se da sua alquimia original, me reduzisse a simples equação de duas incógnitas, ou a mero silogismo de conclusão óbvia. Isto, claro, se acaso se dignassem descer à míngua provinciana das nossas mostras elevadas, no seu douto parecer, a acontecimento quando, afinal, se tratará de simples pruridos ejaculatórios. Quem sabe?

Todos os sectores da Arte, como da Literatura, continuam a pertencer (têm dono!, sabem,?) a meia dúzia de mandas-chuva que se dessedentam nas mesmíssimas fontes, só que hoje de água poluída, também, pelo detergente político.

Os componentes do nosso grupo Aveiro/Arte nunca tiveram de preencher quaisquer quesitos. Nunca lhes perguntámos a filiação, o credo, ou pelo partido. Ver — só ver — tem para nós o significado selectivo. E digo isto porque sei que muitas obras a concurso no nosso país são, **a priori**, aceites ou rejeitadas apenas em função do nome de quem as subscreve. Assim, muitíssimas embalagens são devolvidas ao remetente absolutamente virgens e impolutas. Ora a nossa crítica oficial pode servir, portanto, de paradigma do exacto oposto ao que sempre temos praticado. Suponho que tanto bastaria para nos distinguir. E isto significa para nós legítimo orgulho (talvez o único) de que não abdicamos, a despeito da sempre discutível qualidade dos trabalhos que admitimos. Porque, ao fim e ao cabo, não nos contentamos com a nossa opinião conjunta. Todos os anos fazemos o possível por trazer até nós artistas que consideramos classificados (e esta classificação vem apenas através do indiscutível valor das suas obras) e bebemos as suas sentenças com aquela sede que tem a sua génese no desejo, na ânsia infrene de mais e mais dignificarmos o grupo a que pertencemos. porque as nossas exposições não nos trazem qualquer benefício material. Muito pelo contrário. Oferecemos à cidade o nosso trabalho, o nosso sacrifício com a mesma abnegação, com o mesmo sentido desinteresse, mas com a mesma força interior que sempre transformou o homem comum em mártir perdido no mundo do anonimato.

«Fui a Aveiro assistir à inauguração da SUA quinta exposição «Aveiro/Arte» e, nessa hora inaugural, por estranha coincidência, eram de fora de Aveiro a maioria dos assistentes e poucos eram!...

«Isto pode querer dizer que Aveiro não se interessa por uma manifestação artística válida que, com uma obrigação de ser se realiza a si própria, consciente e obstinadamente, ou, então, que Aveiro não merece, como CIDADE, o esforço de coesão e representatividade desse SEU Grupo de Artistas». 1)

Nunca aconselhámos aos nossos artistas arquétipos bebidos em Kassel, Veneza ou S. Paulo. Apenas repetimos: — Façam o vosso melhor (e o vosso melhor será, necessariamente, tudo quanto sentem) e, sobretudo, nunca arte aferida pelo modelo vendável.

Possuímos apenas um telhado que nos alberga durante os curtos períodos das nossas poucas reuniões. Mas mingua-nos o espaço para trabalhar, o crédito para a compra de materiais e, além disto, a máquina bem lubrificada de um «marketing» (hoje indispensável) e que, no nosso caso, se reduz ao convite, ao catálogo, ao cartaz. Aveiro-cidade nunca apadrinhou as nossas iniciativas, todavia, elas foram flagrantemente apontadas pelo professor Amândio Silva. Como vimos, este homem das artes achou simplesmente fantástico e inacreditável a resistência de Aveiro/Arte à adversidade traduzida pelo desconhecimento categórico sistemático das entidades locais à nossa existência. É que a visão **esclarecida** de qualidade (o sublinhado é meu), a outorga da glória continuam e continuarão orientadas pelos magos da arte, com sede na capital, evidentemente, (o resto é, continua a ser paisagem), reduto intangível coberto por todos os meios informativos, cidade agora inexpugnável para nós, mas que a inexorabilidade do tempo não deixará de cobrir com o seu manto de efemeridade. E, quando poeira, átomos nossos e deles (dos infalíveis) bailarão ao sabor dos ventos perplexos com a sabedoria da História.

«Saibam-no ou não, queiram-no ou não, o que este grupo está fazendo é um manifesto de presença viva de homem aveirense, pois não sendo para o estômago, a arte é a marca de dinamismo a abrir perspectivas de pensamento; é sinal de inconformismo». 2)

Aveiro/Arte significa, pois, um notável conjunto heterogénio de amantes das artes plásticas. Encartadas com cursos superiores de Belas Artes, alunos dessas e doutras escolas, e muitos outros ainda que nunca tiveram a felicidade de uma aprendizagem sistemática, porque roubadas ao seu justo lazer os escassos momentos com que ensaiam as suas tentativas, juntaram-se há anos em simples grupo. Uns têm ficado pelo caminho, ceifadas que foram as suas vidas (Arlindo Vicente e Jorge Nascimento), outros porque a vida lhes impôs o afastamento da cidade. Outros ainda (poucos felizmente) porque se julgam diminuídos por juntarem os seus trabalhos, já talvez aceites pela confraria dos eternos visionadores da «Távola Redonda», ao primarismo incipiente (o provincianismo é por definição sempre incipiente) de quem continua com a mesma coragem a expôr nas nossas manifestações de sinceridade.

Mostramo-nos sempre tal qual somos. E nisso consiste o nosso único orgulho. Pena é que Aveiro-cidade nos deixe, sistematicamente, a leste de toda a sua programática cultural e como se dê envergonhados devedores e não de autênticos credores se tratasse, e como se de enteados e não de filhos legítimos se tratasse.

Resta-nos citar o esforço, as palavras de incitamento que os professores da Escola Superior de Belas Artes do Porto, Júlio Resende e Amândio Silva, que não necessitam dos nossos encómios, sempre nos dispensaram, vindo às nossas mostras, criticando artista por artista, muitas vezes, obra por obra. É assim possível, de facto, fazer extravasar a Arte dos muros apertados de qualquer Escola.

1) Prof. Amândio Silva, in «Litoral» de 15-12-73

2) Prof. Júlio Resende, in «Litoral» de 25-1-80



SAVECOL

SOCIEDADE AVEIRENSE DE
CONSTRUÇÕES CIVIS, LDA.

URBANIZAÇÃO SANEAMENTO BÁSICO OBRAS PÚBLICAS

TRABALHAMOS PENSANDO EM SI

QUINTA DO
ARRAMONA

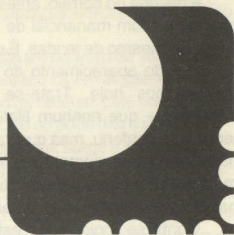
NA CONSTRUÇÃO DE AVEIRO

EM AVEIRO

RUA JOSÉ RABUMBA, 3 - 1º
APARTADO 107

TELEFONE 22041

FILATELIA E NUMISMÁTICA



A CULTURA PELO COLECCIONISMO

FILATELIA, palavra formada pelos vocábulo gregos «philos» — que significa amigo — e «ateleia», que tem o sentido de isenção de impostos ou porte livre, é definida pelo «Larousse» como: ciência, estudo e pesquisa dos selos postais.

Por este motivo, os puristas da linguagem entendem que o termo correcto seria FILOTELIA e não filatelia, opinião para a qual nos inclinamos favoravelmente. Porém, tanto os povos da língua latina como os de língua germânica consagram o termo **filatelia**, — adaptado às respectivas grafias e cuja «paternidade» atribui ao francês Georges Herpin — pelo que não seremos nós a criar um outro neologismo, de que a nossa língua tanto se «empanturrou» nos últimos tempos...

Quando **Rowland Hill** teve a brilhante e revolucionária ideia de substituir a secular prática do porte pago no destino (das cartas e outras correspondências) pelo prévio pagamento desse porte na origem, mediante a aplicação daquele «**pedacito de papel apenas suficiente para se apor no verso da carta...**», estaria certamente muito longe de supor que a sua invenção, apenas pensada para uma simplificação e embaratecimento do serviço do correio, iria dar origem à maior actividade coleccionista que se conhece no mundo, a qual, muito para além das reais necessidades do correio, é suporte financeiro de milhares e milhares de empresas, motivo para a existência de associações nacionais e internacionais congregando milhões de indivíduos, e constitui uma importantíssima fonte de rendimentos para muitos países do mundo — nalguns casos, a principal até...

A história do correio, antes do advento do selo postal, perde-se na noite dos tempos e é um manancial de curiosas e interessantes histórias, de aventuras vividas e mesmo de lendas. É uma história destas, com foros de lenda, que está na base do aparecimento do selo postal e, portanto, da Filatelia tal como a conhecemos hoje. Trata-se de um episódio — lendário ou não, pouco interessa — que nenhum filatelista ignora, nas mais variadas versões que o tempo lhe conferiu, mas que vale a pena aqui contar, uma vez que a publicação para onde neste momento escrevemos se destina a um público de leitores muito mais vasto, a quem certamente interessará saber das origens do **«pedacito de papel»** que todos os dias lhe passa pelas mãos ou sob os seus olhos.

Conta-se pois que, estava **Sir Rowland Hill** de passagem numa estalagem escocesa, magicando sobre os inconvenientes e os prejuízos que resultavam do sistema de correio com porte pago no destino — isto é uma longa história que poderá ser contada noutra ocasião — quando entrou o carteiro, trazendo uma carta para a estalajadeira. Esta tomou a carta nas suas mãos — a lei assim o permitia — mirou-a e remirou-a, findo o que a devolveu ao carteiro, com um triste encolher de ombros dizendo: **«sou pobre e não posso pagar os dois xelins e meio do porte desta carta; por isso a devolvo...»**. Com pena da estalajadeira, Sir Rowland Hill pagou ao carteiro o porte da carta, pousando-a sobre a mesa. A mulher agradeceu, o carteiro saiu e a carta ficou fechada e intacta no sítio onde a haviam pousado...

Como notasse a estranheza do hóspede, pelo facto de não ter aberto e lido a carta que lhe era destinada, a estalajadeira explicou: **«Agradeço a sua generosidade mas digo-lhe que o seu dinheiro foi gasto em vão... A minha família vive muito longe daqui e, de vez em quando escreve-me. Ora se quiser ter a bondade de ver o endereço, notará que cada linha é escrita por sua mão — está aqui a letra de cada um dos meus parentes. Assim, basta-me olhar para o endereço e remetente para saber que todos estão bem sem pagar um só dinheiro...»**.

Não seria este episódio mas muitos como este, que levaram Rowland Hill a pensar na forma de alterar a situação e a concluir que a solução do problema estava em duas coisas: o pagamento antecipado do porte para evitar as burlas e o barateamento das taxas, para facilitar a vida aos de mais reduzidas posses, provocar a expansão do correio e as consequentes receitas e, logicamente, acabar com o mercado negro postal.

Depois de grandes polémicas e algumas vicissitudes — a nobreza e a burguesia do país, escandalizavam-se com a medida, seria ofender o destinatário das cartas se o porte fosse pago antecipadamente, pois que isso significaria que remetente menosprezava os meios de fortuna do destinatário... — o Parlamento Britânico aprovou a proposta de Rowland Hill, por sua vez sancionada pela Rainha Vitória.

Esta proposta consistia na criação de pequenos sacos, chamados envelopes, que continham a indicação do porte pago, os quais o remetente comprava nos correios, neles introduzia a carta, escrevendo por fora o endereço. Como mera solução de recurso, para a hipótese da carta ser levada ao correio por

alguém analfabeto, foram também criados uns pequenos «pedacitos de papel» que eram colados na própria carta, dobrada em forma de envólucro, atestando o porte pago.

Estas espécies postais entraram em circulação a 6 de Maio de 1840 e, para grande surpresa de Rowland Hill, o público desprezou os envelopes e acolheu entusiasmado o tal «pedacito de papel», a solução de recurso, pela comodidade que lhe trazia e pela clareza com que servia de recibo do porte das suas cartas!...

Estava criado o selo postal e, quase imediatamente, surge a Filatelia.

De início ridicularizados ou mesmo olhados com desconfiança, os coleccionadores de selos postais não tiveram um princípio fácil. Enquanto que uns os classificavam como coleccionadores do cuspido alheio, o director-geral dos Correios Franceses, na sua circular n.º 291 de Abril de 1863, considerava que os filatelistas deviam ser rigorosamente vigiados, já que **«a acumulação de selos usados, sem qualquer préstimo — no seu entender — só poderia prosseguir fins culposos ou fraudulentos...»**

Todos estavam longe de pensar o que é hoje a força da Filatelia no mundo, quer como instrumento de cultura, quer como meio de aproximação e amizade entre os homens; o que a Filatelia significa em termos económicos, movimentando fortunas, tanto a nível comercial como exposicional, servindo de base a grandes empresas industriais e comerciais, congregando milhões de indivíduos em clubes, associações, federações, etc., estendendo as suas variadíssimas facetas e actividades a todo o mundo, numa modalidade colecionista que, de longe, ultrapassa qualquer outra...

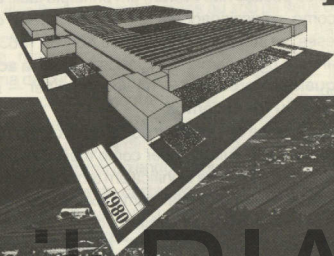
Filatelia que, sendo uma inesgotável fonte de cultura e base de desenvolvimento de muitas das qualidades do Homem, tem assento privilegiado nos estabelecimentos de ensino, mesmo a nível universitário, de muitos países do mundo.

E porque a Filatelia é assim, não será de estranhar — antes pelo contrário — que numa Colectividade com as tradições cívicas e culturais como o Clube dos Galitos, ela tenha uma importante missão a cumprir, a par da NUMISMÁTICA, a segunda maior modalidade colecionista que se conhece e, tal como a Filatelia, uma fonte de cultura e de ensinamentos para o ser humano, uma preciosa auxiliar da História do Mundo e das suas civilizações.

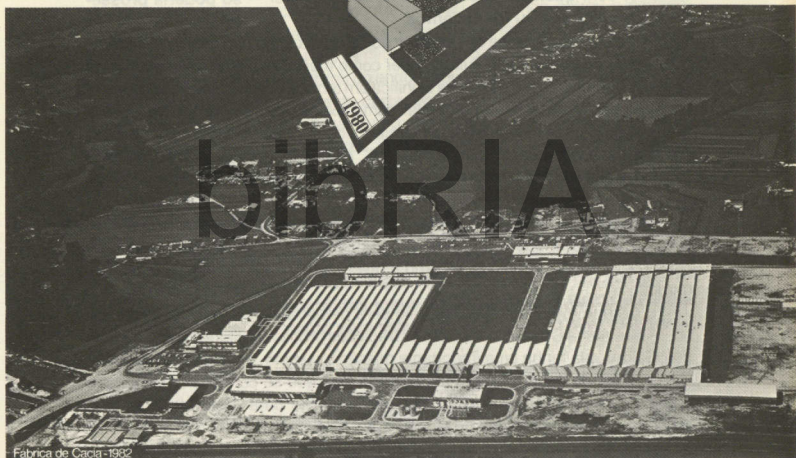
É portanto no seguimento das suas tradições culturais que, em 1957 e interpretando o sentir de muitos filatelistas e numismatas aveirenses, o Clube dos Galitos abre as suas portas a tais modalidades colecionistas, criando no seio da colectividade, a Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos. Secção que, apesar das dificuldades próprias da sua actividade amadora, desde então não deixou de crescer e de se desenvolver, alcandorando-se a lugares cimeiros da Filatelia Portuguesa e grangeando dilatado prestígio além-fronteiras mercê não só das grandes manifestações filatélicas levadas a cabo como também pela publicação regular da sua Revista «SELOS & MOEDAS», no dizer da crítica, a melhor publicação filatélica não comercial que se edita em língua portuguesa que no passado dia 1 de Dezembro de 1983 completou 21 anos de existência.

AGIR

a nossa forma de pensar



biblioteca



Um projecto já realidade

Agimos, aumentando a capacidade industrial.
EM SETÚBAL construímos 100 000 m² de área coberta.
EM CACIA construímos 65 000 m² de área coberta.

Em construções e bens de equipamento, já investimos cerca de 13 milhões de contos.

Agimos, produzindo mais:

Capacidade de produção nas fábricas de Setúbal e Guarda — já atingidas 200 viaturas/dia.
Capacidade de produção na fábrica de Cacia — já atingidos 1000 motores/dia, 450 caixas velocidade/dia.

AGINDO, A RENAULT É CADA VEZ MAIS GARANTIA DE FUTURO

RENAULT PORTUGUESA

GARANTIA DE FUTURO



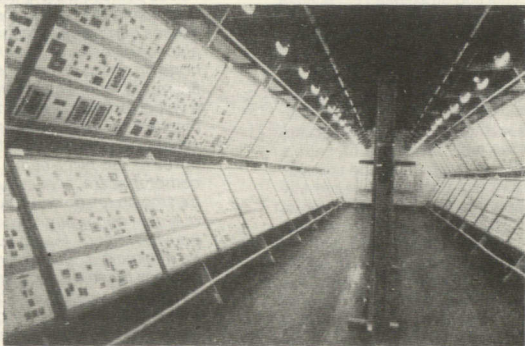
FILATELIA e NUMISMÁTICA, actividades de colecção e de cultura que, prestigiando o Clube dos Galitos através da sua Secção, são magistralmente definidas no «Limiar» do n.º 1 de «SELOS & MOEDAS» pela pena do ilustre aveirense, **Dr. David Cristo:**

«Todos o sabem: selos e moedas nasceram, funcionalmente, para instrumentos de troca — troca por serviços ou bens económicos. Mas quando o Homem lhes acrescentou a sua arte e, com ela, a sua sensibilidade e os seus sentimentos, as moedas e os selos sublimaram o próprio homem, na medida em que ele soube e quis usar a inevitável, mas chã, materialidade como mensageira da Beleza e do Espírito...»

Por isso, o coleccionamento não é uma actividade qualquer — tem um significado transcendental: o coleccionador arrecada e sistematiza valores espirituais que subalternizam e fazem até esquecer o rasteiro valor utilitário para que foram criados — e neles se deleita e aprende; e neles se revê como um ser que se liberta e voa para além dos condicionalismos da matéria...»

Victor Falcão

bibRIA



I Exposição Filatélica Nacional
Temática — AVEIRO 66 — um aspecto
elucidativo



2

PALAVRAS SOBRE A SECÇÃO DE FOTOGRAFIA E CINEMA DE AMADORES

Há muita gente nova interessada na fotografia e no cinema. Só que lhes falta (eterna dificuldade!) o substrato económico capaz de lhe proporcionar os meios para a sua prática. O Clube, endividado até à raiz dos cabelos (nunca foi vergonha confessar a verdade), não pode. E os moças voltaram-se, definitivamente, para o «desporto rej». A Cultura nunca deu dividendos traduzidos em receitas chorudas. Nunca arrastou multidões. Talvez por isso a digam elitista. Mas eu consolo-me com as formas dos nossos barcos de antanho, com a alacridade esbanjada pelos jugos do norte do nosso distrito. Os olhos ficam-me, frequentemente, pregados a velhos prédios bem portugueses, a manifestações simples de gente simples. É tudo isto é Cultura, que talvez as tais elites nem compreendam, nem sequer a toquem mesmo ao rés de seus narizes. Talvez que esta gente simples nunca tivesse ouvido falar de Platão ou Aristóteles, na queima pública dos livros de Thomas Mann e Bertolt Brecht. Talvez ninguém lhes falasse na biblioteca de Alexandria, nem saibam que habitamos num simples átomo insignificante perdido no cosmos que teria surgido de um caos primevo.

Mas vi — e isso não esqueço — tremer de emoção, ou felicidade, o nosso amigo Soeco quando lhe bati nas costas, amigavelmente, diante de uma das suas cângas. Repito: isto não esqueço. Faz parte das repercussões que não devemos rejeitar quando avocam a forma de inexplicáveis assomos.

Temos sempre o que merecemos (quem o temá dito?). E talvez que Aveiro-cidade não mereça que alguém se preocupe em alargar o seu estreitíssimo horizonte cultural, quanto a nós, tímida e fatalmente apertada entre paredes de algumas colectividades que hoje, e apesar de tudo, teimam em despontar. Oxalá o não seja ingloriamente.

Com um longuíssimo tempo de hibernação, não vislumbro ainda acontecimento ou circunstância capaz de quebrar a espessa capa de gelo com que se cobre a Secção de Fotografia e Cinema de Amadores. Tempos houve em que a sua actividade irradiava a sua luz, não só pelo país, mas através dos cinco continentes. A Secção levou ao mundo o nome do nosso Clube e fê-lo sempre com a possível dignidade. Ainda hoje, o I Congresso Nacional de

Cinema de Amadores é tido pelos outros clubes e pela própria Federação como o principal marco tão necessário a uma viragem salutar que se impunha há muito. Simples amadores e profissionais da crítica cinematográfica juntaram-se aqui pela primeira vez, nesta cidade, para formularem os princípios que se tinham como essenciais para a futura de um cinema necessário. Foram denunciados o compadrio dos festivais, o caseirismo dos júris, a falta de densidade humana, técnica e política da maior parte dos filmes que então se faziam. Numa tentativa séria e a todos os títulos louvável, pela coragem assumida, a nossa Secção não hesitou em convidar homens da crítica cinematográfica profissional, alguns dos quais são hoje, também, valiosos homens do cinema. Mas o interesse pela própria fotografia teve, também, os seus momentos altos. Não o esqueçamos.

E eu, volvidos tantos anos, pergunto-me hoje se algum dia assistirei ao despertar de uma Secção que deixou gratas repercussões, das quais só raramente encontramos o eco.

Vasco Branco



2

PALAVRAS SOBRE A SECÇÃO DE FOTOGRAFIA E CINEMA DE AMADORES

Há muita gente nova interessada na fotografia e no cinema. Só que lhes falta (eterna dificuldade!) o substrato económico capaz de lhe proporcionar os meios para a sua prática. O Clube, envidado até à raiz dos cabelos (nunca foi vergonha confessar a verdade), nada pode. E os mecenas voltaram-se, definitivamente, para o "desporto rei". A Cultura nunca deu dividendos traduzidos em receitas chorudas. Nunca arrastou multidões. Talvez por isso a digam elitista. Mas eu consolo-me com as formas dos nossos barcos de antanho, com a alacridade esbanjada pelos jugos do norte do nosso distrito. Os olhos ficam-me, frequentemente, pregados a velhos prédios bem portugueses, a manifestações simples de gente simples. E tudo isto é Cultura, que talvez as tais elites nem compreendam, nem sequer a topem mesmo ao rés de seus narizes. Talvez que esta gente simples nunca tivesse ouvido falar de Platão ou Aristóteles, na queima pública dos livros de Thomas Mann e Bertolt Brecht. Talvez ninguém lhes falasse na biblioteca de Alexandria, nem saibam que habitamos num simples átomo insignificante perdido no cosmos que teria surgido de um caos primeiro.

Mas vi — e isso não esqueço — tremer de emoção, ou felicidade, o nosso amigo Soeco quando lhe bati nas costas, amigavelmente, diante de uma das suas câmaras. Repito: isto não esqueço. Faz parte das repercussões que não devemos rejeitar quando avocam a forma de inexplicáveis assomos.

Temos sempre o que merecemos (quem o teria dito?). E talvez que Aveiro-cidade não mereça que alguém se preocupe em alargar o seu estreitíssimo horizonte cultural, quanto a nós, tímida e fatalmente apertada entre paredes de algumas colectividades que hoje, e apesar de tudo, teimam em desportar. Oxalá o não seja ingloriamente.

Com um longuíssimo tempo de hibernação, não vislumbro ainda acontecimento ou circunstância capaz de quebrar a espessa capa de gelo com que se cobre a Secção de Fotografia e Cinema de Amadores. Tempos houve em que a sua actividade irradiava a sua luz, não só pelo país, mas através dos cinco continentes. A Secção levou ao mundo o nome do nosso Clube e fê-lo sempre com a possível dignidade. Ainda hoje, o I Congresso Nacional de

Cinema de Amadores é tido pelos outros clubes e pela própria Federação como o principal marco tão necessário a uma viragem salutar que se impunha há muito. Simples amadores e profissionais da crítica cinematográfica juntaram-se aqui pela primeira vez, nesta cidade, para formularem os princípios que se tinham como essenciais para a factura de um cinema necessário. Foram denunciados o compadrio dos festivais, o caseirismo dos júris, a falta de densidade humana, técnica e política da maior parte dos filmes que então se faziam. Numa tentativa séria e a todos os títulos louvável, pela coragem assumida, a nossa Secção não hesitou em convidar homens da crítica cinematográfica profissional, alguns dos quais são hoje, também, valiosos homens do cinema. Mas o interesse pela própria fotografia teve, também, os seus momentos altos. Não o esqueçamos.

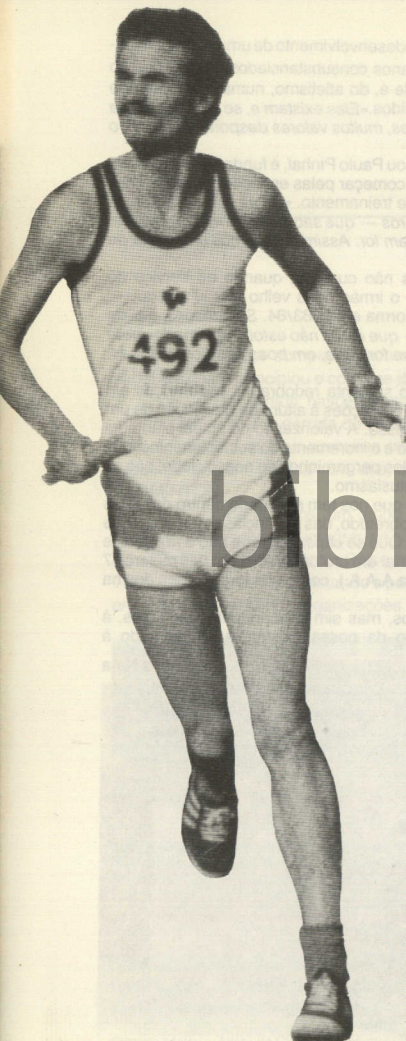
E eu, volvidos tantos anos, pergunto-me hoje se algum dia assistirei ao despertar de uma Secção que deixou gratas repercussões, das quais só raramente encontramos o eco.

Vasco Branco

DESPORTO

ATLETISMO
BADMINTON
BASQUETEBOL
CAMPISMO
NATAÇÃO
REMO
XADREZ

bibRIA



CLUBE DOS GALITOS ATLETISMO

RENASCIMENTO

Após um longo interregno, a nossa Secção de Atletismo reapareceu das «cinzas», em 1978 e, a partir de então, com sacrifícios e dificuldades de índole material e humana que ninguém ignorará, tem vindo a realizar obra válida, alicerçada na juventude dos praticantes e na experiência dos que dirigem, atributos que hão-de ser a chama e o suporte de êxitos futuros.

Ao nosso dedicado e competente técnico, Júlio Cirino — um dos grandes valores do atletismo nacional —, se deve a «explosão» da modalidade, entre nós, nos últimos cinco anos, fundamentada em métodos e critérios fecundos de trabalho.

Para além da realidade presente, dos valores meramente competitivos, dos títulos regionais ou nacionais alcançados ao longo da época transacta, em que sobressaiu o nosso jovem e já consoladora realidade do atletismo português — Paulo Pinhal —, com um vasto e brilhante conjunto de triunfos a nível nacional e uma honrosa presença nos campeonatos europeus de Júniores, na Áustria, não obstante a convocatória em cima da hora, a comprovar a desorganização federativa; sem esquecer os êxitos e comportamentos meritórios em outras tantas provas de António Salvador, Fernando Camelo, Fernando Pereira e demais atletas que nos orgulhamos de possuir nas nossas fileiras; e sem olvidar ainda o azar que ao longo do ano passado bateu à porta, por lesão, de Luís Pinhal, que há-de recuperar, felizmente, e voltar ao primeiro plano nacional. Júlio Cirino tem em execução um projecto ambicioso: a criação de uma escola de captação de novos valores, entre os 12 e os 15 anos, quer em Aveiro, quer em locais periféricos do litoral.

E mais: Júlio Cirino prevê, também, o desenvolvimento de uma classe de manutenção, sem limitações de idades, planos consubstanciados na cooperação técnica e alguns entusiastas — como ele é, do atletismo, numa altura em que tantos e tantos jovens andam por aí perdidos. «*Eles existem e, se houvesse uma ligação estreita entre a escola e os clubes, muitos valores desportariam para o atletismo, que bem precisa deles*».

Simultaneamente, e como nos afirmou Paulo Pinhal, é fundamental todo um trabalho de base, bem dimensionado, a começar pelas entidades responsáveis e que haja condições de preparação e de treinamento. «*Se as houver, seremos tão bons como os outros — os estrangeiros — que são feitos da mesma massa. Não tenho medo de correr seja com quem for. Assim tivéssemos uma pista de tartan para treinar*».

Marcado por uma série de lesões não curadas, quando ao serviço do Futebol Clube do Porto, Luís Pinhal — o irmão mais velho dos «Pinhais» —, quer, por seu turno, regressar em boa forma em 1983/84. *Sem lesões, hei-de demonstrar aos que de mim duvidam — que ainda não estou «queimado» para correr. Já provei, não só em Aveiro como fora que, em boas condições físicas, não receio competir seja com quem for*.

Para a próxima época, Júlio Cirino sustenta redobradas esperanças em fazer mais e melhor, desde que existam condições à altura da realização de um trabalho profundo, como acima se expressa. A valorização do actual plantel, a captação de novos valores para a secção e o incremento do sector feminino, que efectivamente não tem estado à altura dos pergaminhos do nosso clube, são as metas a atingir, com muito trabalho e entusiasmo.

Assim não feneça o apoio directivo que nos tem sido dado dentro das suas (poucas) possibilidades financeiras e, sobretudo, das instâncias superiores, que têm ignorado (ou quase) que existimos. Que se capacitem que não é razoável e muito menos viável, que se possa trabalhar em profundidade com uns míseros 7 contos de subsídios (5 da D.G.D. e 2 da A.A.A.), como nos foram atribuídos na época passada. Assim não pode ser.

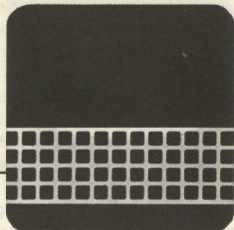
Não queremos ser filhos bastardos, mas sim descendentes legítimos, à dimensão do contributo que ao longo da nossa existência temos dado à modalidade.

Carlos Naia



Estafeta Internacional de Vigo — 1983 De cima para baixo e da esquerda para a direita. Fernando Camelo, Jorge Simões (Técnico), António Salvador, Paulo Pinhal, Fernando Valente, Júlio Cirino (Técnico) Alcides Dias, Manuel Moreira e Luís Pinhal.

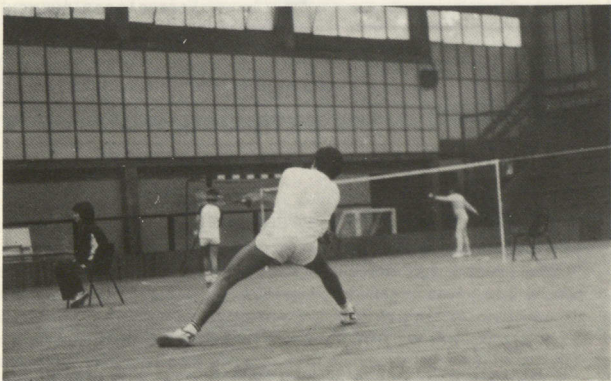
BADMINTON



Para se poder compreender melhor o que é o BADMINTON, é preciso saber-se como principiou e como se joga.

Pois, o Badminton nasceu como se pensa na Ásia, durante um jantar, quando abriram uma garrafa de champanhe, a rolha saltou, e descobriram que com essa rolha que se aproxima muito ao volante actual na forma, e umas raquetas podiam praticar um desporto dos mais fatigantes do mundo — O BADMINTON.

Há cerca de 20 anos, um grupo de Atletas interessados em praticar esta modalidade, resolveram integrar-se num clube, e, a partir desta altura, foi fundada a Secção de Badminton do Clube dos Galitos, que veio a filiar-se na F.P.B. em 16 de Fevereiro de 1965, estando a pensar em comemorar o seu 20.º aniversário em 1985, com algumas organizações.



Ricardo Melo — Atleta do Clube Torneio do M.V.D./Peniche-1983.

A partir desta altura a Secção de Badminton do Clube dos Galitos tem participado em diversas provas tanto a nível regional, como a nível nacional, conquistando bastantes títulos nacionais.

Tem organizado todos os anos o seu Torneio Primavera, a nível nacional, em que participam bons atletas da modalidade.

Aquando dos 75 Anos do Clube dos Galitos, a Secção de Badminton organizou o mesmo Torneio Primavera, não só a nível nacional, mas também com a presença de atletas espanhóis.

Nesta época de 1983/84, a Secção de Badminton espera poder participar em provas a nível regional, organizadas pela A. D. Aveiro, a nível nacional em organização da F.B. badminton, e espera poder ainda levar a efeito mais um Torneio a nível nacional destinado a equipas de quatro jogadores, estando marcada a sua data para de Junho de 1984, para o qual serão convidadas as melhores equipas do País.

Das provas realizadas a nível regional a equipa do Clube dos Galitos ganhou todos os encontros realizados, podendo vir a sagrar-se Campeã Regional do Campeonato Regional de Equipas Homens Seniores da Época de 1983/84.

Participou esta Secção no VII Torneio de Apuramento, de 2.^a e 3.^a Categorias, para o VII Torneio Internacional «CIDADE DO PORTO», a realizar nesta cidade em 27, 28 e 29 de Janeiro de 1984, com um atleta senior da 2.^a categoria, ganhando este atleta várias provas, ficando apurado para poder participar no Torneio Internacional, juntamente com outros da 1.^a Categoria, desta Secção.

Esta Secção da Badminton do Clube dos Galitos tem neste momento a praticar, de entre Juniores Seniores da 3.^a, 2.^a e 1.^a categorias, 10 atletas.

A SECÇÃO DE BADMINTON



COMPANHIA PORTUGUESA DE EXTRUSÃO, S. A. R. L. AVEIRO — PORTUGAL

FABRICAÇÃO E ANODIZAÇÃO DE PERFIS DE LIGAS DE ALUMÍNIO

- Inoxidáveis e atraentes para a Construção Civil
- Leves e Tenazes para os Transportes
- Resistentes à Corrosão para a Construção Naval
- Resistentes aos agentes químicos para a Agricultura e Pecuária

18 ANOS AO SERVIÇO DA ECONOMIA NACIONAL

APARTADO	1	TELEGRAMAS	TELEFONES
3802	AVEIRO	CODEX EXTRUSAL	(034) 24025/6

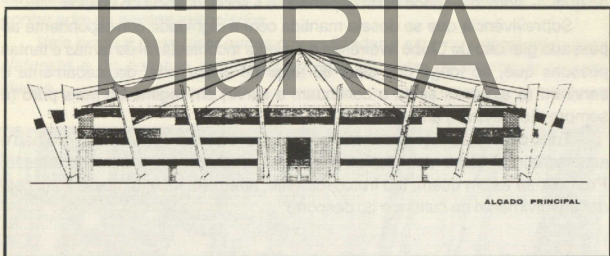
Por: Lúcio Lemos

BASQUETEBOL



PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO

NECESSIDADE IMPERIOSA



Um anteprojecto do Pavilhão Gimnodesportivo (Desenho -1980.

Na página 6 (se não estou em erro) do livro do Padre João Gonçalves Gaspar, intitulado «Aveiro — *Notas Históricas*», faz-se um apelo no sentido de «que a evocação do passado e a lembrança dos maiores incentivem os aveirenses na construção do futuro». Por associação de ideias, este apelo — permitam-me que o considere assim — trouxe-me ao pensamento uma obra importante destinada a uma prestigiosa agremiação da Cidade que muito tem feito, sempre a pensar no futuro das gentes aveirenses. Refirô-me ao Clube dos Galitos, cujo maior sonho, virado para a «construção do futuro», consiste, muito simplesmente, na entrada ao seu serviço de um funcional e polivalente pavilhão gimnodesportivo.

Trata-se de um compreensível anseio que já começa a ter barbas. Mas que é um anseio plenamente justificado, disso não haja dúvidas. E é justificado quando se evoca o passado glorioso do Clube dos Galitos, passado que, lamentavelmente, não é presente mas ainda pode ser maravilhoso futuro. Assim os aveirenses queiram.

Assim o Governo Civil, a Câmara Municipal e o delegado distrital da Direcção Geral dos Desportos, em uníssono, saibam lutar, em concertação de esforços, com a «família» do Galitos pelo arranque de um empreendimento que tanta falta está a fazer à agremiação aveirense.

Uma das modalidades queridas (desde sempre) do Clube dos Galitos é o Basquetebol, actividade na qual, em passado relativamente recente, o Clube marcou posições que faziam inveja a outras colectividades que dispunham (e dispoem) de melhores meios de trabalho.

Mas, evidentemente, construído o pavilhão, o mesmo seria, com toda a certeza, ponto de encontro de praticantes doutras modalidades de salão, como o badminton, o voleibol, a ginástica, em todas as suas variedades, etc..

Como município, como autarca e, bem mais marcadamente, como homem do desporto, o Clube dos Galitos pode contar sempre com a minha solidariedade e com todo o meu incondicional apoio face ao arranque de um empreendimento do qual — admito — pode estar dependente a sobrevivência do Galitos.

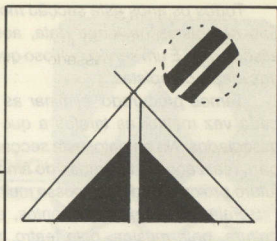
Sobrevivência que se deseja mantida com a dignidade correspondente ao passado glorioso do Clube aveirense e ao valor incontestável de tantas e tantas pessoas que, ao longo dos seus 80 anos de árdua vida, dedicadamente o serviram (e algumas ainda o continuam a servir) em regime do mais puro (e sempre tão louvável) amadorismo.

Tudo quanto se faça para satisfazer as aspirações justas (e a do Pavilhão é justíssima) do Clube dos Galitos merece o meu aplauso e a minha adesão. Premeia-se assim quem, tão frutuosamente, tanto tem feito no nosso País pelo desenvolvimento da cultura e do desporto.

Felicidades, Clube dos Galitos

Nota do autor — Ao manifestar o seu parecer sobre os «planos de actividade da Câmara Municipal de Aveiro relativos ao exercício de 1983», o Conselho Municipal «reafirmou a opinião expressa já no anterior parecer quanto à necessidade de a Câmara apoiar empenhadamente as construções das piscinas do Sporting Clube de Aveiro e do Pavilhão Gimnodesportivo do Clube dos Galitos». O próprio autor — membro da Assembleia Municipal — alinhou com o correcto parecer do Conselho Municipal, quer quando foi analisado o plano camarário, quer, posteriormente, na reunião da Assembleia Municipal, levada a efeito em 16 de Dezembro de 1983, quando o membro da Câmara, Eng.º Sequeira, em representação do Presidente, se referiu à visita que, dias antes, o Secretário de Estado dos Desportos efectuou a Aveiro e no decorrer da qual não foi, lamentavelmente, abordado o caso do Pavilhão destinado ao Clube dos Galitos. Só se falou das piscinas do Sporting de Aveiro e do Pavilhão do Bonsucesso.

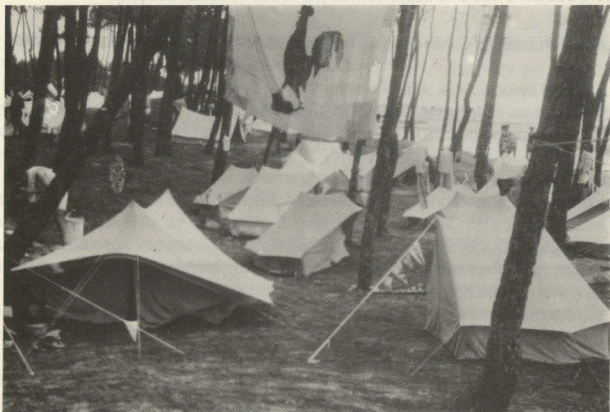
CAMPISMO



Ao acabar mais um ano de actividade vale apenas dizer, o que pensamos e o que poderá representar para os seus sócios esta Secção de Campismo.

Vale a pena dizer que temos dificuldades, mas também esperanças em ultrapassá-las. Temos sonhos e para que possamos concretizá-los, temos de contar com os nossos associados.

Vale ainda a pena dizer outras coisas ligadas a este movimento em prol da Natureza e do convívio que talvez por isso não pára de engrossar as suas fileiras.



Aldeia dos Galitos em Ofir 3.º Acampamento Nacional 1952.

Todos os anos esta secção movimenta cerca de 700 cartas de campista. São campistas de longa data, aos quais se juntam cada vez mais, novos associados. É um serviço valioso que prestamos aos que conosco comungam dos ideais campistas.

Temos procurado eliminar as faltas do passado e procurado organizar cada vez melhor as tarefas a que a Federação nos obriga com os nossos associados. No entanto, esta secção de campismo é também ponto de partida para realizações integradas do âmbito campista e para a quais deveremos em futuro próximo dedicar a nossa melhor atenção.

Falamos de acampamentos, esses encontros onde se divulga a nossa cultura, pela música, pelo teatro, pela poesia. Neles se pratica e divulga o desporto e neles ainda se procura respeitar e amar a natureza.

Inserimo-nos numa região tradicionalmente querida pelas belezas naturais. Esperar-se-ia, portanto, de todas as entidades ligadas ao campismo e portanto também de nós, um maior incentivo àquela prática. Cremos que será possível aumentar a área destinada a acampar e cremos que será possível em um futuro muito próximo, realizar um acampamento regional.

No entanto só com a ajuda dos nossos sócios poderemos transformar estes sonhos em realidade. Temos carolas de longa data, os que, ano após ano, nos honram, ao levar a nossa bandeira e a sua presença aos diversos acampamentos e de onde em contrapartida nos trazem as recordações que exibimos na nossa secção.

O trabalho realizado e as potencialidades deste pelouro, estamos certos, honrarão um Clube que saudamos nos seus 80 Anos de actividade. O mesmo será saudar o trabalho desenvolvido por todas as outras secções.

José Manuel Malaquias Santos

NATAÇÃO O PASSADO



bibRIA

A Secção de Natação tem o seu passado que não sendo glorioso no Clube dos Galitos, é pelo menos de não subestimar.

A secção foi das primeiras a ser fundada no Clube, tendo tido ao longo da sua existência vários períodos de intensa actividade. Mas sobre este assunto estamos compilando os dados disponíveis para a elaboração de um relatório-história.

No entanto, poderemos fazer uma breve resenha do que foi a actividade da secção nos 3 últimos anos. No capítulo do ensino, o grande esforço efectuado, apontou no sentido de assegurar a qualidade das aulas ministradas, numa piscina que, cada vez mais, piores condições de trabalho oferece. Talvez o mais importante a mencionar neste capítulo, seja a frequência nas épocas anteriores (incluindo a actual) de cerca de 1.200 crianças. As classes de adultos foram ao longo destes anos um êxito, cabendo grande parte desse mérito aos monitores dessas aulas.

No capítulo desportivo o Clube conquistou títulos regionais e foi assegurada a participação em todos os campeonatos nacionais. Aqui cabe uma referência ao esforço e à dedicação de todos os atletas do Galitos, mas merecem especial referência pelo que conquistaram e pelo exemplo que deram aos nadadores mais novos, Germano da Velha e José Saraiva.

Objectivos

A actual secção de Natação, quero dizer, na fórmula em que agora funciona, existe desde 1981. São seus principais objectivos o ensino de natação ao maior número de pessoas possível, incluindo a prática das modalidades especiais como sendo a natação de manutenção, o ensino a adultos e a natação para inadaptados, esta última infelizmente ainda alvo de um tratamento caso a caso. A natação desportiva nas suas diversas categorias não tem sido esquecida na actividade recente, tendo sido a que inclusivé mais custa à secção, mas a que em compensação, mais estímulo e alegrias tem dado.

Uma outra meta importante a atingir é a prática de preços acessíveis, de modo a possibilitar a aprendizagem da natação a grande número de indivíduos. Neste momento, é o Clube que mais barato ensina natação em Aveiro, e nas classes de competição apenas pedimos o esforço do atleta desde que este, cumpra o mínimo estabelecido.

O Presente

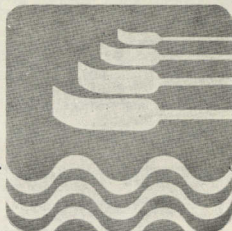
Esta época a secção de natação oferece aulas para o ensino de natação, a todas as classes etárias, tendo para isso desenvolvido um esquema de horários que permitissem um maior funcionamento dessas aulas. Foi criada uma classe piloto funcionando diariamente com vista a ajuizar do seu aproveitamento e com o propósito também de estudar novas alternativas de horários para o futuro.

No respeitante à competição desportiva aposta-se forte nas classes mais jovens, havendo neste momento 5 classes diferentes.

As Dificuldades

A gestão da secção não é tarefa mole. É preciso equilibrar o barco financeiro o que nem sempre é fácil, pois a competição apenas dá despesa, mas só assim poderá ser, por outro lado o querer praticar um preço relativamente baixo. Além disso, é necessário assegurar um serviço administrativo eficaz e que responda a todas as solicitações, e é aqui talvez uma das grandes dificuldades da secção, mas que este ano se pensa resolver completamente. Existem ainda os problemas, de numa secção que mantém uma actividade de 7,5h diárias sempre aparecem, que têm de ser resolvidos na altura. Acresce a estes, o facto de todos os directores serem carolas que gostam de natação mas que têm a sua actividade própria. Mas todos os problemas se resolvem, melhor ou pior, e tudo se harmoniza quando existe boa vontade e interesse em desenvolver a natação no Galitos e em Aveiro.

REMO
DO PASSADO AO PRESENTE



bibRIA

O Remo no Clube dos Galitos conheceu momentos de glória nos anos da década de 40 e de 50. Foram as representações olímpicas, foram as participações nos Torneios Ibéricos bem como o conjunto de provas internacionais onde os resultados alcançados constituem os momentos mais altos da história do Clube.

Infelizmente a partir de 1958 os resultados a nível nacional e internacional foram tão modestos que o Clube não poderá ser considerado um dos baluartes do Remo Nacional.

É verdade que pontualmente alguns bons resultados foram alcançados, é verdade ainda que sempre houve dedicações que a nível directivo e técnico foram o suporte para manter vivo o Clube, mas isso só não explica o afastamento em relação aos objectivos que legitimamente seriam de esperar.

O Remo é um desporto de «duros» pela dedicação que exige, e pela perseverança que a sua prática obriga.



Rio Novo 1954 galitos Campeão Nacional de -oit-/-Seniores.

Da esquerda para a direita: Edgar F. Lopes, Felisberto Fôres, Zacarias Andias, João Simões, Carlos do Boque, Manuel Regala, Francisco Neves dos Santos, João Ventura e João Cravo.

Por tudo isto urge que se crie a nível da Secção Náutica um espírito novo que galvanize atletas, dirigentes e técnicos para uma tarefa comum que é a de colocar o Clube dos Galitos nos lugares cimeiros do Remo Nacional.

Mas esse trabalho terá de ser feito com profundidade, escapando à tentação de uma política desportiva que tenha como objectivo o curto prazo, investindo na organização administrativa e técnica, fornecendo e mantendo o enquadramento técnico.

Esta missão ingrata incumbe a todos os associados do Clube dos Galitos.

Fernando Estima

biblioteca



Regatas Princesa Santa Joana Maio de 1983 Preparação.

Se é certo que os resultados alcançados não foram os pretendidos e, mais do que isso, o que o passado já longínquo do Clube exigiria, as razões para tal ficaram a dever-se a vários factores dos quais os mais relevantes são os seguintes:

- apetrechamento insuficiente em material náutico tanto em qualidade como em quantidade
- participação diminuta em Assembleias Gerais da Federação, reuniões de Clubes onde eram discutidos assuntos de natureza técnica e (ou) administrativa
- frequência reduzida em todas as acções de formação que se fizeram a nível nacional; seminários, colóquios, cursos de animadores e de árbitros
- dificuldade na obtenção de meios materiais e humanos para uma eficaz manutenção do material náutico utilizado.



Rio Novo 1954 galitos Campeão Nacional de 'oitto'-Seniores.
De esquerda para a direita: Edgar F. Lopes, Felisberto Fortes, Zacarias Andias, João Simões, Carlos do Roque, Manuel Regala, Francisco Neves dos Santos, João Ventura e João Cravo.

Por tudo isto urge que se crie a nível da Secção Náutica um espírito novo que galvanize atletas, dirigentes e técnicos para uma tarefa comum que é a de colocar o Clube dos Galitos nos lugares cimeiros do Remo Nacional.

Mas esse trabalho terá de ser feito com profundidade, escapando à tentação de uma política desportiva que tenha como objectivo o curto prazo, investindo na organização administrativa e técnica, fornecendo e mantendo o enquadramento técnico.

Esta missão ingrata incumbe a todos os associados do Clube dos Galitos.

Fernando Estima

biblioteca



Regatas Princesa Santa Joana Maio de 1963 Preparação.

Se é certo que os resultados alcançados não foram os pretendidos e, mais do que isso, o que o passado já longínquo do Clube exigiria, as razões para tal ficaram a dever-se a vários factores dos quais os mais relevantes são os seguintes:

- apetrechamento insuficiente em material náutico tanto em qualidade como em quantidade
- participação diminuta em Assembleias Gerais da Federação, reuniões de Clubes onde eram discutidos assuntos de natureza técnica e (ou) administrativa
- frequência reduzida em todas as acções de formação que se fizeram a nível nacional; seminários, colóquios, cursos de animadores e de árbitros
- dificuldade na obtenção de meios materiais e humanos para uma eficaz manutenção do material náutico utilizado.

BPA



BANCO
PORTUGUÊS
DO ATLÂNTICO

ao seu serviço

XADREZ
ARTE, CIÊNCIA, DESPORTO



bibRIA

«No xadrez vislumbrei uma interessante esfera de ideias criadoras construídas em torno do raciocínio de dois adversários em confronto os quais no decorrer da intensa luta são levados a construir uma obra de arte»

Vassili Smyslov
(Camp. mundial de Xadrez de 1957/58)

O jogo de xadrez teria sido inventado por Adão e Eva, como consolação pela perda de Abel assassinado por Caim... ou talvez pelo sábio Sissa que ao serviço do rei Balhait, e por encomenda deste, teria imaginado o xadrez, demonstrativo do valor dos homens perante o acaso. Quis o rei recompensar o sábio por tão engenhosa invenção ao que Sissa correspondeu pedindo grãos de trigo espalhados pelo tabuleiro da seguinte maneira: Na primeira casa seria colocado um grão, na segunda dois, na terceira quatro (o dobro da anterior), na quarta oito e assim sucessivamente até à última casa do tabuleiro.

O rei ficou pasmado com o modesto pedido do sábio, mas qual não foi o seu espanto quando a metade do processo já tinha esgotado todas as suas reservas de trigo.

Com efeito tal quantidade cobriria a superfície da terra com uma camada de mais de 2 metros de espessura (o n.º de grãos é de 18 446 744 073 709551 615!!)

Maravilhoso símbolo do poder criador do homem, o xadrez foi-nos legado por um passado que não conhecemos com rigor, prespassado de lendas belas e subtis como a que acabamos de descrever, mas sem qualquer valor histórico.

Parece no entanto que já na Índia do séc. VII era conhecido com o nome de «Tchaturanga». No séc. VIII jogava-se xadrez na Pérsia. Pelos Árabes foi trazido para a Península Ibérica (invadida por Tarik em 711). Daqui o jogo espalhou-se por toda a Europa onde foi evoluindo muito lentamente. (Em Portugal a escavação no litoral Algarvio de um povoado em Vale do Boto perto de Castro Marim, permitiu recentemente a descoberta de uma peça de xadrez de osso polido decorada com círculos incisivos tipicamente árabes).

Dever-se-á entender o xadrez como um jogo sem mais? Ou será uma ciência à qual corresponde uma técnica constantemente renovada? Ou ainda não será pura e simplesmente uma arte cuja fruição procura avidamente os xadrezistas?

O fascínio do xadrez está precisamente na reunião de todos estes atributos. É claramente um jogo, cuja essência competitiva está bem patente no confronto entre dois «exércitos» que por um complicado processo de luta e selecção natural, tentam obter supremacia sobre o outro.

É igualmente uma ciência, com princípios e hipóteses sujeitos a confirmação (derrota ou vitória). O desenvolvimento e aperfeiçoamento dependem da descoberta de leis e da sua aplicação, tal como as ciências naturais e sociais.

É inegavelmente uma arte, dado que permite ao jogador experimentar a beleza de uma jogada, sentir o prazer estético numa ideia que posta em prática alcança o seu objectivo.

É na certeza destas qualidades e do contributo que o xadrez poderá dar à realização do homem que está a razão de ser da existência no C. Galitos a sua secção de xadrez.

Fundada em Fevereiro de 78 tem desde então desenvolvido uma actividade regular, movimentando todos os anos algumas dezenas de xadrezistas.

No aspecto competitivo presença nas provas distritais com resultados meritórios sendo de realçar na época que terminou, a obtenção do título de campeão distrital para um dos seus elementos, e o título de campeão distrital por equipas.

Mas nem só o aspecto competitivo nos interessa. Funcionou recentemente (Novembro e Dezembro últimos) na sede do C. Galitos uma escola de xadrez aberta a todos os interessados e que certamente contribuiu para a divulgação da modalidade.

Com o mesmo propósito projectamos para Março a realização de um torneio de iniciados que esperamos seja participado.

GALITOS

O SEU PASSADO

bibRIA

Nascer e logo cantar...

O CLUBE DOS GALITOS E AS SUAS ACTIVIDADES NO ANO DA FUNDAÇÃO

Por: João Sarabando

Em 14 de Janeiro de 1904, no prosseguimento de escaudante assembleia geral na prestigiosa Sociedade Recreio Artístico, assembleia que tivera início em data próxima, a corda, já extremamente retesada, acabou por estoirar. De um lado achavam-se as figuras carismáticas da agremiação; do outro, com o fogo do seu entusiasmo, os mais jovens. Defendendo, como é óbvio, objectivos diferentes, sonhos quiçá antagónicos.

A certa altura, um inflamado orador exclamaria mesmo: — Onde cantam galos de fama, que vêm galitos cá fazer?! Depois, e para cúmulo, na votação das duas listas apresentadas, a vitória viria a caber aos «históricos», aos autodenominados galos».

Tornando insolúvel o diferendo, restava o caminho da cisão. Sairam, consequentemente, os jovens, desde logo apostados na fundação de um clube onde pudessem concretizar aspirações, satisfazer a sua sede de idealidade. Sairam e, *una voce*, resolveram que a nova colectividade se denominasse Clube dos Galitos — esta palavra galitos adoptada não num sentido depreciativo mas como motivo de justa ufania.

Assim nasceu a agremiação «alvi-rubra», ora já carregada de anos e de louros, mas, paradoxalmente, sempre e sempre moça, tão prestante ao longo das oito décadas que muitas vezes as suas laudas constituem outras tantas páginas da própria história citadina.

Lançando-se à obra, conjugando expressas intenções com marcantes actos, rapidamente os dissidentes, os rebeldes, alardeando invulgares capacidades, conseguiram engrandecer o clube das meninas dos seus olhos, transfigurando-o, do prisma cultural, social e desportivo, numa força viva, actante, criadora.

Do labor do Clube dos Galitos nos primeiros tempos não deixou de dar notícia a imprensa aveirense, designadamente a «Vitalidade» e o «Campeão das Províncias». E dar notícia como segue, cabendo apenas ao compilador — sublinhe-se — a responsabilidade dos títulos.

Assembleia escaudante

«Tem lugar amanhã a segunda reunião do Recreio Artístico para eleição dos Corpos que hão-de geri-lo neste ano. A luta entre os dois partidos que a disputam, novos e antigos, vai acesa. A todos recomendamos a prudência que é necessário ter nestes casos».

C. Prov., 13/1/904

Vitória dos «galos»

«A luta renhida travada entre novos e velhos no Recreio Artístico, *galos e galitos*, na eleição dos Corpos Gerentes da florescente agremiação local, terminou pelo vencimento da lista dos primeiros /.../. A eleição foi disputada com vigor pelos dois grupos. /.../ Entraram na urna 163 listas».

C. Prov., 16/1/904

Os velhos festejam

«Comemorando a vitória da sua eleição, a velha guarda do Recreio Artístico tem amanhã um jantar de oitenta talheres no Hotel Central. Vimos o *menu*, que é engraçado».

C. Prov., 16/1/904



Inauguração em 31 de Julho de 1904 do velódromo do Clube dos Galitos, no Ilhote (Cojo).

A sede inicial

«Instalou-se há dias a nova associação de recreio denominada do *Galitos*. É composta dos dissidentes do Recreio Artístico e fica no andar superior do prédio em que se acha o Clube Mário Duarte». (1)

C. Prov., 27/1/904

Comissão Instaladora

Vai Aveiro ter mais um clube.

«Num impulso de entusiasmo próprio de corações juvenis, lançou-se, há

dias, a ideia de uma nova agremiação recreativa, onde a mocidade aveirense pudesse passar em ameno e sossegado convívio as horas descuidosas da quadra mais risonha da vida. A ideia foi acolhida com entusiástico fervor e, em poucos dias, realizaram os generosos rapazes o que bem se pode chamar um *tour de force*. E aí está o clube, já quase mobilado à custa de uma subscrição que em poucas horas atingiu uma elevada soma. O número dos associados sobe a cerca de 130». (2)

Para nomear a comissão instaladora, celebrou-se na segunda-feira última uma reunião nas salas do edifício da praça Luís Cipriano, onde o clube abriu pela primeira vez no domingo. A comissão ficou composta dos srs.: Manuel Moreira, Manuel Lopes da Silva Guimarães, Eugénio da Costa, Augusto Carvalho dos Reis, Paulo Moreira, Francisco da Encarnação, Alfredo Gaspar de Oliveira, José de Pinho, Francisco M. dos Santos Freire, Pompeu da Costa Pereira e Manuel Fernandes Lopes. Destes, ficou eleito para presidir a qualquer assembleia geral o sr. Manuel Moreira. /.../»

Vit., 30/1/904

Bailes de tricanas

«Começou a época festiva do entrudo /.../. Há os costumes *bailes de máscaras*, no Teatro Aveirense, e, na segunda-feira houve grandes bailes de tricanas nos clubes dos *Galos* e *Galitos*, que à porfia disputaram a assistência do que há de mais galante e donairoso no seu meio /.../, ostentando alguns lindos e vistosos *costumes*».

C. Prov., 3/2/904

Bailes da «micareme»

«/.../ as florescentes associações locais Recreio Artístico e Clube dos Galitos comemoraram a metade da Quaresma, na noite de quarta-feira, com magníficas reuniões dançantes, em costumes, oferecidas às famílias dos seus sócios. O Teatro, em cujo edifício se realizaram ambas, apresentava uma decoração muito vistosa e artística pela bela disposição de flores, plantas, lumes, espelhos e serpentinas carnavalescas, produzindo um lindo efeito. Grupos das mais gentis tricanas, vestidas a capricho, animavam as reuniões /.../, dançando-se com verdadeiro *entrain* até de madrugada».

C. Prov., 12/3/904

Passeio velocipédico

«No domingo próximo, pelas 3 horas da tarde, deve realizar o Clube dos Galitos um passeio velocipédico ao túnel de Angeja, havendo *pic-nic*, depois do qual se regressa em marcha *aux-flambeaux*».

C. Prov., 8/6/904

O primeiro êxito desportivo

«Obteve um dos prémios nas corridas de bicicletas a que concorreu no Porto, como delegado da secção velocipédica do Clube dos Galitos, o nosso patricio sr. António da Cruz. Aquela associação iluminou por isso a sua fachada na noite de domingo último».

C. Prov., 8/6/904

Um velódromo no Cojo

«Após os estudos a que se procedeu para a construção de um velódromo, no Ilhote, (3) para as corridas de bicicletas que o Clube dos Galitos promove, começaram os trabalhos de levantamento da pista, que fica com 350 metros de comprimento por 5 de largo».

C. Prov., 9/7/904

Cruz triunfa em Coimbra

«Nas corridas velocipédicas de Coimbra, os nossos patricios srs. Manuel Canha e António da Cruz saíram vitoriosos, ganhando dois prémios cada um».

(4)

C. Prov., 16/7/904

Treinos no velódromo

«Como deva realizar-se em 31 do corrente a corrida de inauguração do velódromo dos Galitos, todas as tardes ali andam em treinos os sócios daquele clube, que se preparam para correr. Assiste sempre grande número de curiosos».

C. Prov., 23/7/904

A inauguração do velódromo

«A inauguração do Velódromo dos Galitos, /.../ realizada no domingo último, /.../ trouxe à cidade um movimento desusado. Foi uma festa à altura, com que se animou a terra e se prestou um serviço ao comércio. Pode calcular-se em número superior a 2.000 as pessoas (5) que assistiram. Em torno da pista, nas estradas marginais, nos pontos elevados, sobre os muros, nas janelas próximas, acotovelava-se essa grande multidão. O velódromo tinha em torno mastros de bandeiras, e, em pontos escolhidos, o pavilhão para o júri, imprensa, autoridades e convidados e coreto onde tocou a excelente Banda dos Voluntários. /.../ A multidão retirou contente. Não houve uma única nota discordante e tudo concorreu para que à festa dos Galitos nada faltasse de quanto podia torná-la atraente e brilhante. /.../» (6)

C. Prov., 3/8/904

Passeio a S. Jacinto

«O Clube dos Galitos realizou no domingo último o seu projectado passeio fluvial à mata de S. Jacinto. Foi numeroso o concurso dos associados, regressando todos, à noite, satisfeitos».

C. Prov., 7/9/904

Novas competições ciclistas

«A segunda corrida de bicicletas efectuada pelo Clube dos Galitos, na tarde de domingo último, atraiu ao velódromo do Ilhote centenaes de pessoas. /.../ Era desta vez maior o número de corredores, pois vieram alguns e fora, sendo bem disputadas todas as corridas. Na 1.^a, de *frangos*, chegou na vanguarda o sr. Eduardo Trindade, e logo depois o sr. José dos Santos Alexandre. Na 2.^a, *nacional*, venceu o sr. Manuel Canha, vindo em 2.^o lugar o sr. Raul Pinheiro, do Porto. Na 3.^a, de *tandens*, chegou em primeiro lugar o sr. António da Cruz (Balão), que tinha por companheiro o sr. Realeza. Na 4.^a, *distrital*, alcançou o primeiro prémio o sr. Canha e o 2.^o o sr. Bailica. (7) Na 5.^a, de *galitos*, ganhou de novo o Balão, seguindo-se-lhe o sr. Pericão (8), de Aradas. Na 6.^a, de *consolação*, venceu o sr. Capela, (9) chegando logo depois o sr. Pompílio Ratola.

Assistiu a banda dos *Voluntários*, que é sempre ouvida com agrado. Os prémios eram valiosos. /.../»

C. Prov., 19/10/904

Ciclismo festivo à Costa Nova

«Promovido pela direcção do Club dos Galitos, realiza amanhã a sua secção velocipédica um passeio à Costa Nova, em visita ao sr. Manuel Gonçalves Moreira, /.../ presidente da assembleia geral daquele clube. O sr. Moreira tenciona receber os excursionistas /.../ oferecendo-lhes um copo de água e vindo esperá-los com um rancho de cantadeiras da Gafanha, a quem falou e que já se andam ensaiando para a recepção. A partida para o agradável passeio é da sede do clube, às 2 da tarde, pelo relógio dos Paços do Concelho, devendo o regresso ter lugar às 7. Os excursionistas darão entrada na cidade trazendo todos, nos guiadores das bicicletas, balões venezianos.

Parece que o clube resolveu que à partida e regresso a esta cidade sejam queimados alguns foguetes de dinamite».

C. Prov., 22/10/904

Mudança de «poleiro»

«No excelente e antigo prédio urbano, que foi do falecido médico Martins e hoje possui o sr. Jerónimo Baptista Coelho, sito na Rua do Cais, (10) anda-se a preparar e transformar à moderna o amplo salão do primeiro andar, para ali se instalar o Clube dos Galitos, e consta-nos que será decorado pelo hábil pintor,

seu sócio, sr. José de Pinho, que mais uma vez demonstrará a sua rara aptidão».
(11)

C. Prov., 12/11/904

- 1 — Prédio de dois andares, demolido em 1950, que delimitava pelo nascente o antigo Largo de Luís Cipriano.
 - 2 — Em Março do ano seguinte, já contava 400 associados. («Vitalidade», de 18/3/905).
 - 3 — O Largo do Cojo, hoje ocupado em parte pelo Mercado e onde, na década de vinte, seria traçado o campo de futebol da cidade.
 - 4 — Manuel Ferreira Canha representava habitualmente o Recreio Artístico e António da Cruz, «O Balão», corria sempre com as cores do «Galitos».
 - 5 — A população da cidade rondava, ao tempo, os 9.000 habitantes.
 - 6 — Os resultados das provas foram os seguintes: «Pintainhos» (1.500 m.): 1.º — Abel Costa; 2.º — António Ferreira da Encarnação. «Frangitos» (3.000 m.): 1.º — José dos Santos Alexandre; 2.º — António Ferreira da Encarnação. «Frangos» (4.000 m.): 1.º — João da Cruz Pericão; 2.º — Manuel Pacheco. «Crianças»: 1.º — Elmano da Cunha e Costa; 2.º — Evaristo Migueis Picado. «Galitos» (5.000 m.): 1.º — António da Cruz Bento; 2.º — António Rodrigues Jerónimo; 3.º — António Maria da Costa Pato. «Tandens» (5.000 m.): 1.os — António Rodrigues Jerónimo e João Maria da Naia; 2.os — Manuel Pacheco e Pompeu da Naia e Silva. «Consolação» (1.500 m.): 1.º — Pompeu da Naia e Silva. Nesta prova, além do vencedor, competiram Martiniano Homem de Figueiredo, Francisco Ferreira da Encarnação e Ricardo da Cruz Bento.
 - 7 — Francisco Pereira de Melo, de Aveiro.
 - 8 — João da Cruz Pericão, de Aradas.
 - 9 — José dos Santos Capela, de Verdemilho.
 - 10 — Casa onde, após profunda remodelação, funciona hoje o Banco Ultramarino.
 - 11 — Esta segunda sede do Clube dos Galitos seria inaugurada em 14 de Maio de 1905. O «Campeão das Províncias», na sua edição de 17, referiria assim o acontecimento: «Como havíamos prenotiado, a inauguração da nova casa do Clube dos Galitos realizou-se no domingo, pouco depois do meio-dia. Ao ser arvorada a respectiva bandeira pelo presidente da direcção, sr. Manuel Gonçalves Moreira, e pelo sócio sr. Bernardes da Cruz, subiram ao ar grandes girândolas de foguetes, ouvindo-se uma salva real e as bandas de Infantaria n.º 24 e dos Bombeiros Voluntários tocaram o hino do clube. Acto seguido usaram da palavra os srs. Manuel Gonçalves Moreira, dr. Melo Freitas, Rodrigues Vieira e Luís Couceiro, sendo todos muito aplaudidos. Em frente do edifício, a imaginação sempre fértil de José de Pinho improvisou um belo jardim, com duas entradas constituídas por dois enormes socos de alvenaria revestidos de largas faixas de azulejos antigos e coroados por soberbas majólicas por ele pintadas com o seu fino gosto de artista. Sobre pequenos relvados, plintos com vasos e belos exemplares de palmeiras improvisadas, como tudo o resto».
- Convirá entretanto dizer-se que o presidente do clube era então Manuel Lopes da Silva Guimarães e não Manuel Gonçalves Moreira, como este, aliás, esclareceria sem delongas no jornal citado. Quanto aos oradores, o dr. Joaquim de Melo Freitas, desportista pioneiro, orador e cronista cintilante, teria mais tarde o seu nome na placa toponímica da praça onde se situa hoje a sede do Galitos; o padre Manuel Rodrigues Vieira, culto professor do Liceu, era, além de vigoroso jornalista, poeta de merecimento; Luís Couceiro escreveria, posteriormente, a letra da festejadíssima revista «A Caldeirada»; e Manuel Gonçalves Moreira, o proprietário dos «Armazéns da Beira-Mar», «elegante casa de modas», na antiga Praça do Comércio.

bibLIA

EDIÇÃO:
CLUBE DOS GALITOS

COLABORAM:

Dr. David Cristo, Eng.º Joaquim Mendonça, Dr. Armando França, Amadeu de Sousa, Dr. Costa e Melo, Carlos Jerônimo, Dr. Vasco Branco, Victor Falcão, Carlos Nara, Dr. Lúcio Lemos, José Malaquias Santos, António Grangeia, Fernando Estima, Carlos Fonseca, Morais Sarmento e João Sarabando.

CAPA DE:

Helder Bandarra

COORDENAÇÃO DE:

Dr. Armando França
Jeremias Bandarra
Gaudêncio Santos

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

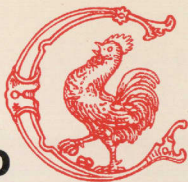
TIPAVE/AVEIRO

bibRIA



REVISTA SUBSIDIADA PELA CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

Nos 80 Anos do



A TINTA QUE DURA!

DANKAL

Não podia estar ausente

Sede e Escritórios
Apartado 25 — Aveiro
Telefs. 23535-23901
Telex 37529 Dankal P

Delegação em Lisboa
Rua Prof. Antonio Joaquim das Neves, 32
2735 CACEM
Telf. 9280952